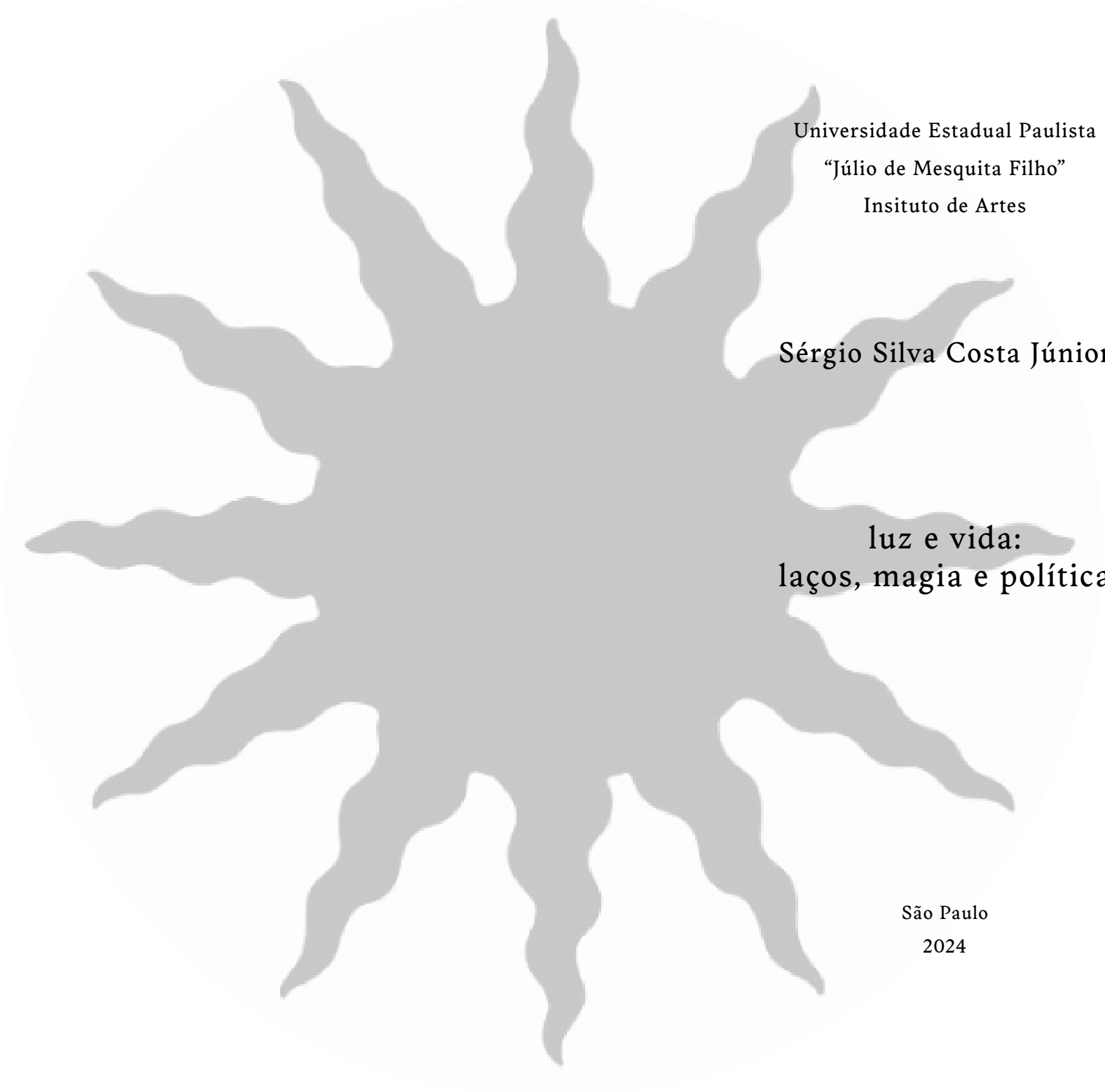




**luz e vida:
laços, magia e política**



Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Insituto de Artes

Sérgio Silva Costa Júnior

luz e vida:
laços, magia e política

São Paulo
2024

Sérgio Silva Costa Júnior

luz e vida:
laços, magia e política

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes -
Campus São Paulo da Universidade
Estadual Paulista (UNESP), a fim de
concluir o Bacharelado em Artes Visuais.

Orientadora: Renata Pedrosa Romeiro

São Paulo
2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do

Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

C837l Costa Júnior, Sérgio Silva (alrescha), 1999-
Luz e vida : laços magia e política / Sérgio Silva Costa Júnior. -- São Paulo, 2024.

267 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renata Pedrosa Romeiro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte. 2. Estudantes universitários - Narrativas pessoais. 3. Criação (Literária, artística, etc.). I. Romeiro, Renata Pedrosa. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 700

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

Sérgio Silva Costa Júnior

luz e vida:
laços, magia e política

Trabalho de Conclusão de Curso para
obter o título de Bacharel em Artes Visuais
no Instituto de Artes da Unesp. Aprovado
em: 04/11/2024.

Banca examinadora:

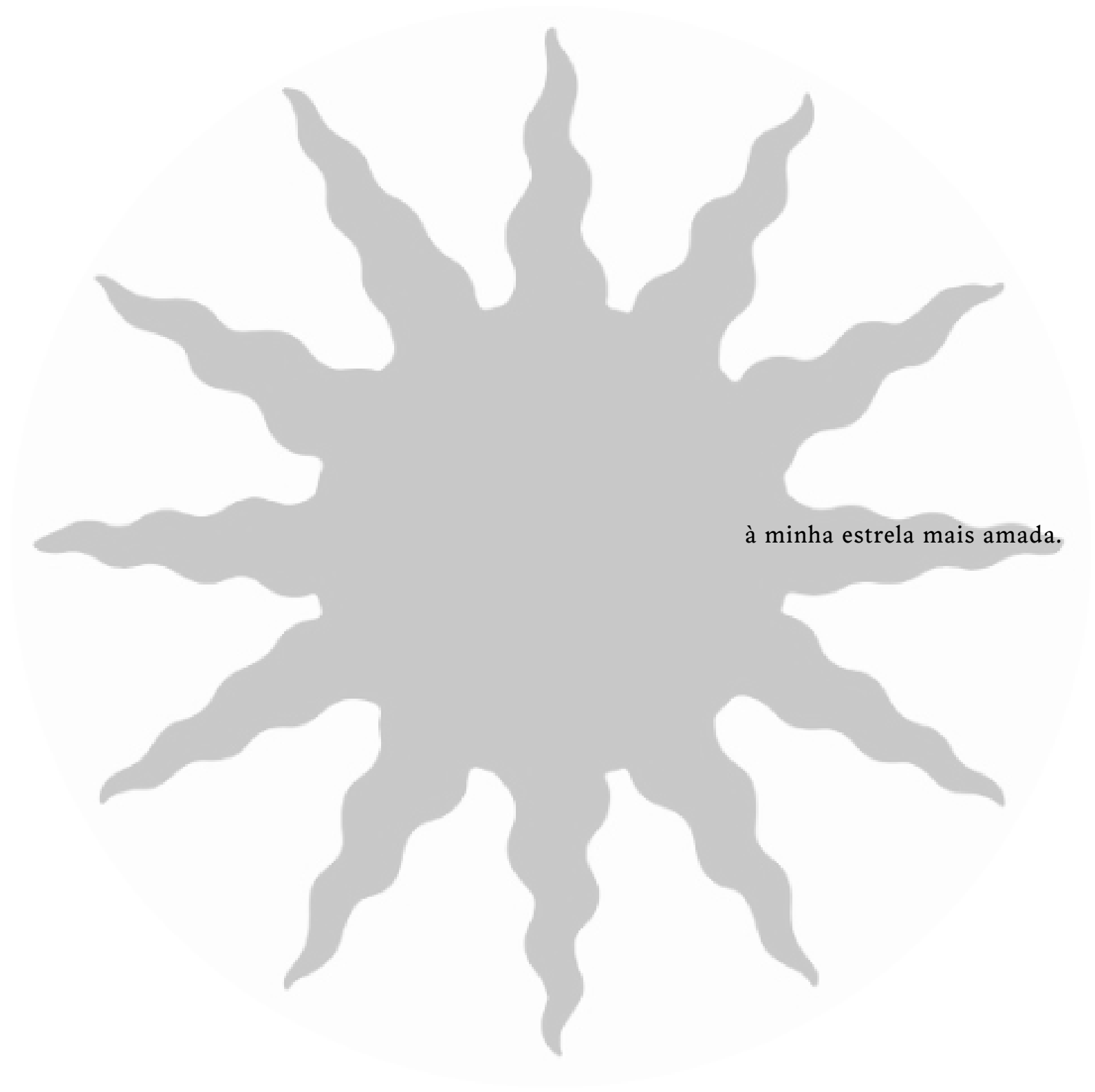
Prof.^a Dr.^a Renata Pedrosa Romeiro (unesp)
orientadora

Ma. Luciana Martins Tavares de Lima (unesp)
convidada

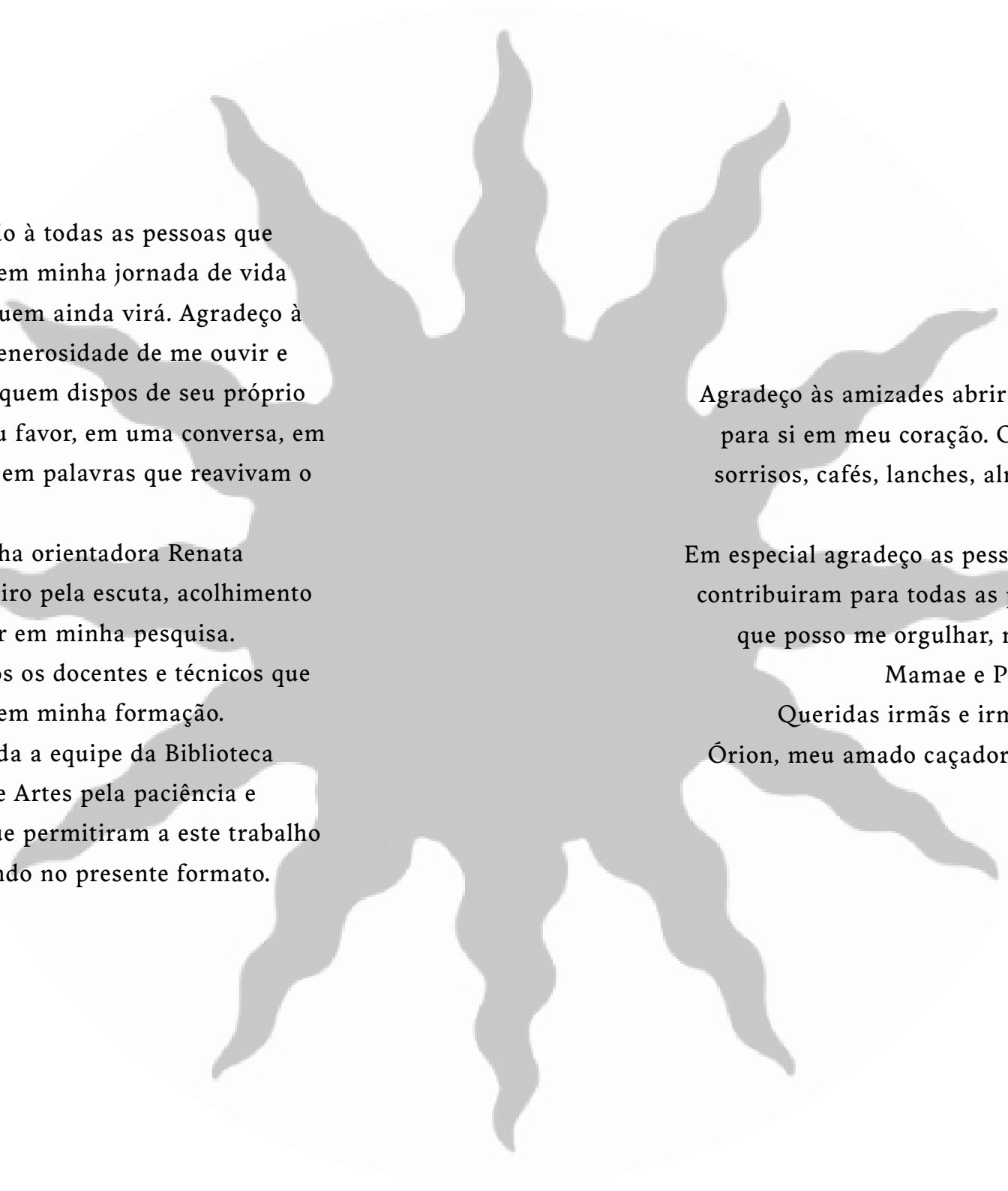
Ma. Juliana Oliveria Gonçalves dos Santos (unesp)
convidada

São Paulo

2024



à minha estrela mais amada.



Minha gratidão à todas as pessoas que contribuíram em minha jornada de vida até aqui, e à quem ainda virá. Agradeço à quem teve a generosidade de me ouvir e me ensinar, à quem dispôs de seu próprio tempo em meu favor, em uma conversa, em um abraço ou em palavras que reavivam o espírito.

Agradeço minha orientadora Renata Pedrosa Romeiro pela escuta, acolhimento e por acreditar em minha pesquisa.

Agradeço todos os docentes e técnicos que contribuíram em minha formação.

Agradeço a toda a equipe da Biblioteca do Instituto de Artes pela paciência e orientações que permitiram a este trabalho ser apresentando no presente formato.

Agradeço às amigadas abriram um espaço para si em meu coração. Obrigado pelos sorrisos, cafés, lanches, almoços, bares e apoio.

Em especial agradeço as pessoas que muito contribuíram para todas as partes de mim que posso me orgulhar, minha família.

Mamae e Papai, vos amo.

Queridas irmãs e irmãos, vos amo.

Órion, meu amado caçador de lagartixas.

figura 1



vista da exposição *Millôr: obra gráfica*

RESUMO

O presente trabalho trata da minha produção artística, contextualizando trajetórias, execução de obras e motivações pessoais. Relato neste texto como me percebo diante das possibilidades de ser artista exercendo minha singularidade que vibra junto a questões coletivas do mundo contemporâneo. Viajando por tempos e espaços de forma não linear, compartilho os desafios, medos, interesses, posicionamentos e meu percurso no período de cinco anos de formação no Instituto de Artes-UNESP. Sigo apresentando obras produzidas, situações vividas, referências relevantes e, em pequenos ensaios, introduzo discussões que reúnem temas vitais para meu processo de criação artística nos âmbitos materiais, políticos e espirituais.

Palavras-chave: arte; magia; política; processos de criação.

ABSTRACT

The present work addresses my artistic production, contextualizing trajectories, execution of works, and personal motivations. In this text, I share how I perceive myself in light of the possibilities of being an artist, exercising my uniqueness that resonates with collective issues of the contemporary world. Traveling through time and space in a non-linear way, I share the challenges, fears, interests, stances, and my journey during five years of study at the Institute of Arts-UNESP. I continue by presenting produced works, lived experiences, relevant references, and, in short essays, I introduce discussions that assemble vital themes for my artistic creation process in the material, political, and spiritual spheres.

Keywords: art; magic; politics; creative process.

sumário

01. nota inaugural	18
02. notas primeiras	24
03. notas do presente	64
3.1 atando nós	66
3.2 para quem não se encontrou	72
3.3 bordando o sol	90
3.4 cartas para levar	100
3.5 criando estrelas	114
3.6 cortando laços	128
3.7 eu não estou pronto	142
3.8 apontamos para o futuro	154
3.9 para quem está perdido	162
3.10 outro mapas	168
04. notas últimas	186
05. notas de desenlace	210
referências	222
índice	232

01. nota inaugural



"Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou."

Clarice Lispector em *A Hora da Estrela*

O presente trabalho de conclusão de curso aborda como tema central meu trabalho artístico descrevendo obras e processos, tanto materiais quanto mentais. Aqui estão presentes textos que relatam minhas vivências enquanto artista ao mesmo tempo que se encontram com as questões que permeiam o mundo contemporâneo. Neles exploro os afetos ao qual sou exposto e suas vibrações nos espaços vividos.

Destaco aqui a ordem de desenvolvimento dos trabalhos, onde o processo material é o ponto inicial de onde fluem outras construções de pensamentos.

Luís Cláudio da Costa diz em seu ensaio de título *A singularidade da pesquisa em Artes Visuais*: "A atividade intelectual não tem primazia, mas decorre das elaborações materiais que inauguram o processo". (Da Costa, 2019, p. 57)

Os presentes escritos falam em primeira pessoa e também relatam o passado no tempo presente; decisão tomada pela crença de um passado que está sempre sendo construído e ressignificado como forma de entender e re-entender os

processos vividos.

Ao longo do trabalho, escrito como notas ensaísticas, faço a tentativa de me deslocar para um código mais acessível.

bell hooks fala sobre como a escrita acadêmica é uma ferramenta de exclusão quando diz que os modelos acadêmicos:

frequentemente produziram o confisco e/ou a desvalorização dos trabalhos que não se encaixavam, que de repente foram considerados não teóricos – ou não suficientemente teóricos. (hooks, 2017, p. 88)

Como muitas vezes é o caso das pesquisas em artes.

Grada Kilomba nos diz, na introdução da versão brasileira do livro *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*, que a linguagem seria responsável por criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, uma vez que "cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade" (Kilomba, 2008, p. 14). Fazer uma seleção de códigos e terminologias "informa-nos constantemente de quem é normal e de quem pode representar a

verdadeira condição humana” (Kilomba, 2008, p. 14). Nessa perspectiva, vejo que a pesquisa artística, como a que descreverei aqui, pode ser, além de uma discussão poética, uma discussão política na medida em que dá a ver como se elegem as formas de comunicar.

Começo o desenvolvimento da pesquisa com um panorama geral de minha experiência inicial com a arte e os primeiros períodos no curso de Artes Visuais do Instituto de Artes da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”); pontuando algumas questões que vi se desenvolverem no trabalho que vim a produzir. Sigo apresentando os processos mais recentes, de forma não linear no tempo, agrupando os trabalhos de acordo com questões em comum.

Concluo a pesquisa com a apresentação de trabalhos produzidos mais recentemente com considerações sobre o próprio ato artístico e as possibilidades para uma futura produção.

Chamo os capítulos de notas, em grande parte por me lembrar da escritora brasileira Clarice

Lispector. Em uma entrevista a perguntam sobre o sistema de trabalho que ela utilizava, e ela responde que, para fazer suas obras, ela tomava notas, e quando as tinha suficiente, era então capaz de produzir. (Clarice, 1977)

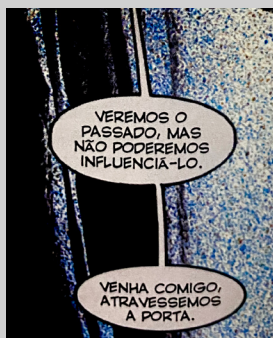
Me identifico com o método de Clarice pois apresento aqui diversos fragmentos que se unem em um todo, onde reuni variadas notas sobre meu processo artístico e meu trabalho, que vieram a compor e a serem indispensáveis na construção de meu pensamento que culminou no presente Trabalho de Conclusão de Curso.

"Um processo não pode ser interrompido para ser entendido. O entendimento deve vir com o fluxo do processo, deve se unir a ele e fluir junto."

Paul Atreides

02. notas primeiras





Ingresso como estudante do Instituto de Artes da Unesp (IA-UNESP) em fevereiro de 2020. Nos dois anos anteriores estudo em um cursinho, após abandonar a faculdade de direito, o qual cursei por um ano. Quando tomei a decisão de trancar o curso, ainda não havia decidido qual formação iria escolher.

Em abril de 2018, sou convidado a visitar a Pinacoteca do Estado de São Paulo e vejo a exposição Hilma af Klint: Mundos Possíveis. Naquele dia, me encanto com as obras e uma declaração que li fica marcada na minha memória, me faz pensar sobre como ter certeza na vida, como não duvidar e recuar.

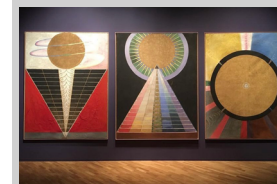
“As imagens foram pintadas diretamente através de mim, sem desenhos preliminares e com grande força. Eu não tinha ideia do que as pinturas supostamente deveriam representar. No entanto, trabalhei de forma rápida e segura, sem mudar uma única pincelada”. (Pinacoteca, 2018, p. 165)

Venho de uma família natural do estado do Maranhão, no nordeste do país, local onde vivi parte da infância e adolescência. Com bases morais cristãs neopentecostais, desde

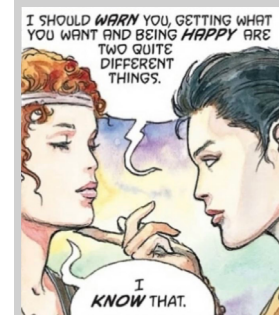
cedo fui introduzido aos valores culturais dessa vertente. Destaco aqui um deles, o da humilhação; percepção geral de que o ser humano não possui qualquer valor próprio se não por intermédio da figura divina. Me via, então, sempre questionando qual lugar/função/propósito/caminho é possível seguir quando essa lógica não se faz mais presente.

Em 13 de março de 2020, data em que comemoro meu aniversário, é também o último dia de aula presencial no Instituto de Artes antes das aplicação das medidas de segurança necessárias por conta da pandemia de Doença do Coronavírus (Coronavirus Disease - COVID-19). Se sucedem, então, aproximadamente cinco meses em que não há contato com ambiente acadêmico formal.

Duas semanas após o início do período de isolamento, a então pós-doutoranda, Regina Johas, que havia sido atribuída para ministrar a disciplina de Fundamentos da Linguagem Bidimensional, convida minha turma para encontros online informais, como forma de não nos afastarmos do estudo e do fazer artístico,



I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry



naquele momento inicial do curso. Começamos com encontros semanais, que foram expandidos para duas vezes por semana; neles, conversamos sobre assuntos que seriam abordados na disciplina, realizamos exercícios artísticos e mantivemos contato, uns com os outros, como turma ingressante.

Derivados desses encontros, alguns estudantes tomaram a iniciativa de criar um grupo de estudos informal, no qual, uma vez por semana, conversávamos sobre nossa própria produção ou falávamos sobre assuntos das aulas. Nessa época, por volta de julho/agosto de 2020, se iniciou, com as mesmas pessoas, um grupo de modelo-vivo online, momento em que assistíamos vídeos de poses e desenhamos; ao fim, mandávamos fotos dos desenhos pelo whatsapp, para depois conversar sobre nossas produções. A prática seguiu por meses, até quase a volta das aulas presenciais, em 2022.

Outra iniciativa que nos manteve em contato como uma turma foi a da então doutoranda, Thaisa Nogueira Silva, que manteve encontros semanais online abordando o tema da disciplina que ela estava encarregada de ministrar,

Semiótica.

Conforme se seguiram as aulas remotas, de agosto de 2020 até o fim de 2021, procurei estratégias de manter minha produção dentro do ambiente doméstico. Negocie com minha família que morava comigo, um pequeno espaço na sala com uma mesa, e ali fui capaz de produzir pinturas, gravuras, fotografias e desenhos, mantendo um mini ateliê.

Nesse período, surgiram alguns elementos em minha produção que permanecem até os dias atuais e destacarei neste momento um deles, a cor dourada.

Desde muito jovem frequentei diversos templos e igrejas de vertente neopentecostal, onde os ambientes sagrados eram sempre decorados e requintados e o uso de dourado era uma forma de simbolizar a riqueza e a nobreza divina que sempre estavam presentes nas construções imagéticas daqueles espaços. Em minha mente infantil, acreditava: “O mundo espiritual divino deve ser todo de ouro”.

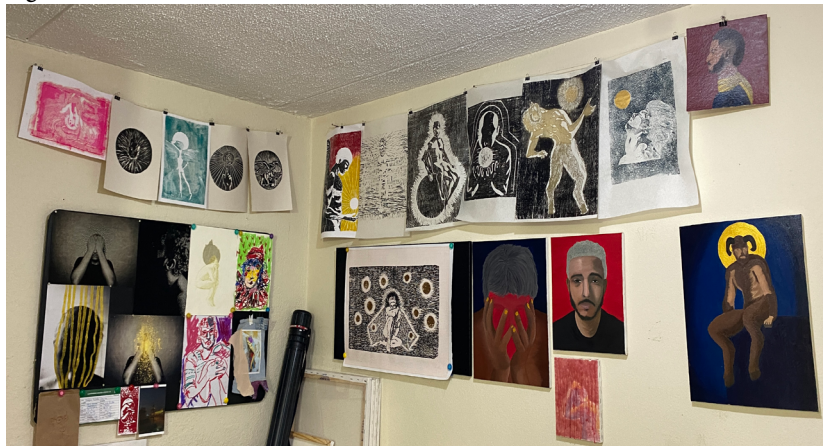
Quando jovem, também entrei em contato com a obra de J. R. R. Tolkien, autor da série de livros *O Senhor dos Anéis* e outras histórias que se passam no mesmo universo. Nas histórias se conta sobre um mineral fictício chamado *Mithril*, descrito como mais leve que seda, mais forte que o aço e com um brilho prateado inerente, tido como um recurso extremamente valioso.

O metal era usado em diversos objetos, entre eles, anéis de poder mágico dado aos elfos, uma

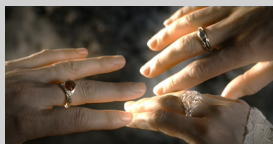
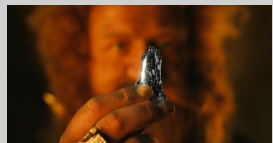
"E as doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era uma pérola; e a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente."

Apocalipse 21:21

figura 9



ateliê caseiro em 2020 - 2021



"três foram dados aos elfos, imortais e os mais sábios e justos de todos os seres"

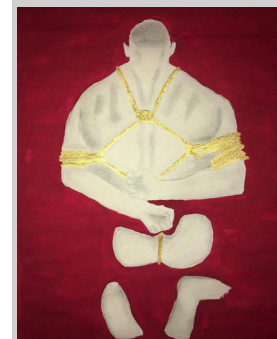
espécie humanoide que costumava ser imortal, pois foi criada na luz dos deuses daquele mundo. Os elfos que habitavam a terra média estavam fisicamente longe dos deuses, que habitavam regiões longínquas ao leste e, com o passar dos milênios, começaram a perder a “luz” que lhes permitiam ser imortais.

Durante a confecção de três anéis mágicos que seriam dados a raça élfica, feitos de *Mithril*, o único material capaz de reter a “luz” divina dos elfos em um formato circular infinito, permitindo que continuassem imortais enquanto o poder dos objetos durasse. Na história, quando os anéis perdem o poder, toda a raça, fadada então à mortalidade, viaja para as terras imortais onde vivem os deuses daquele mundo.

Na descrição do material ele aparentava ser prata, mas em minha mente, era o ouro que habitava o mundo divino, um material que mantém a luz, entendida por mim como fonte de vida, perto dos seres humanos. Mais do que o material do ouro, a cor me fala sobre luz. A luz da mitologia cristã, a primeira das criações divinas e o prenúncio de toda atividade criadora.

No podcast da 35ª Bienal de São Paulo, a artista brasileira Tadáskia, fala sobre seu processo artístico. A artista diz que seu trabalho fala sobre renascimentos e rituais e contando que ao usar cascas de ovos e palha, ela tem um encontro com o material.

As imagens a seguir são de trabalhos produzidos em meu tempo de isolamento.



figuras 12 e 13 respectivamente

figuras 10 e 11 respectivamente

figura 14



aquarela e gaúche sobre papel
21 x 29,7 cm

figura 15



aquarela e gaúche sobre papel
21 x 29,7 cm

figura 16



monotipia sobre papel
21 x 29,7 cm

figura 17



monotipia sobre papel vegetal
21 x 29,7 cm

figura 18



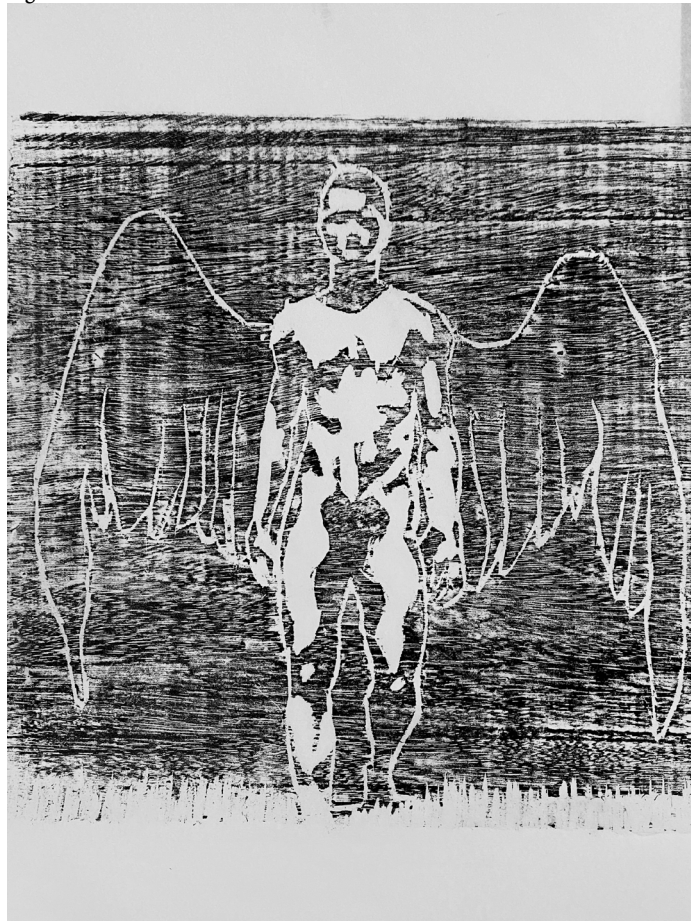
monotipia sobre papel
21 x 29,7 cm

figura 19



monotipia sobre papel
21 x 29,7 cm

figura 20



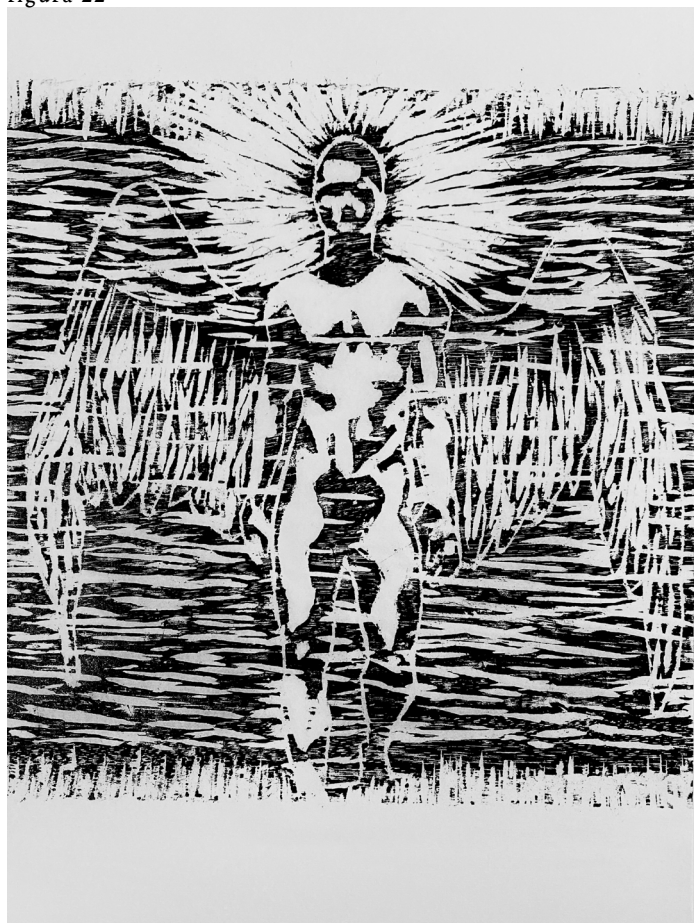
anjo de luz - I
xilogravura em papel
29,7 x 42 cm

figura 21



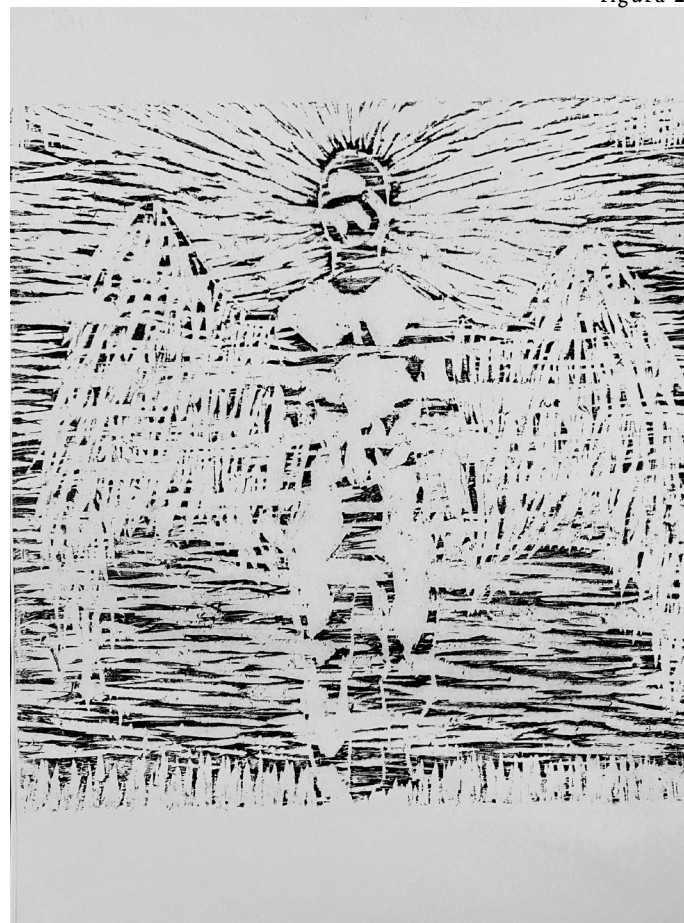
anjo de luz - II
xilogravura em papel
29,7 x 42 cm

figura 22



anjo de luz - III
xilogravura em papel
29,7 x 42 cm

figura 23



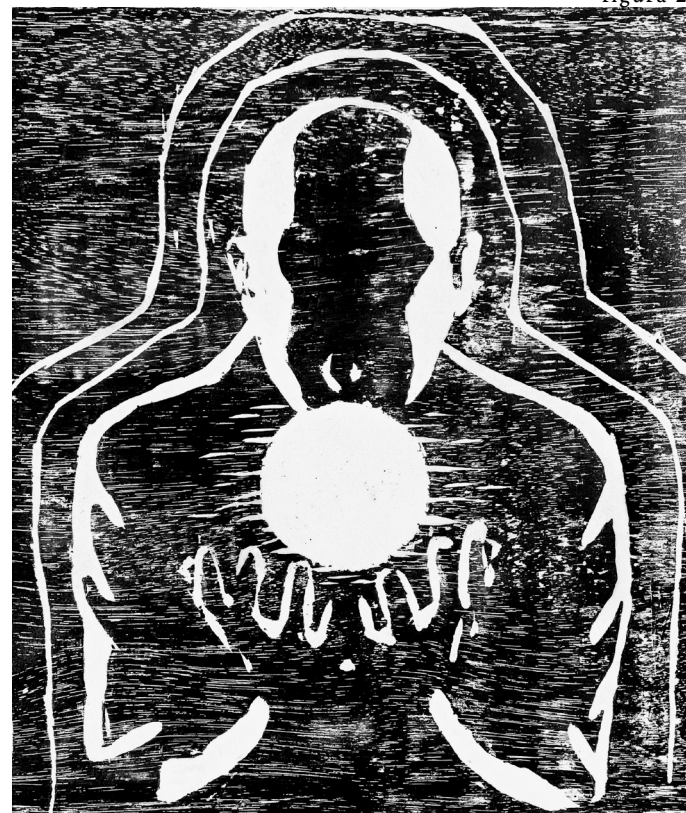
anjo de luz - IV
xilogravura em papel
29,7 x 42 cm

figura 24



xilogravura em papel
29,7 x 42 cm

figura 25



xilogravura em papel
29,7 x 42 cm

Durante as aulas online de gravura, enquanto aprendia técnicas de monotipia, a professora Kátia Fiera disse uma frase que me marcou: “Você estica a tinta pela superfície e abre luz nela.”

"Deus é paciência. O contrário, é o diabo."

Grande Sertão: Veredas

figura 26



monotipia sobre papel
29,7 x 42 cm

Em 2021, faço um curso online de Fotografia Híbrida, ministrado pela fotógrafa Danny Bittencourt. No processo de usar técnicas de interferência sobre fotografias já impressas, investigo como manter a luz no material estático. Faço furos, uso tinta, água, sobreposições, gelo, lâmpadas e outras técnicas, às vezes ensaio as poses das fotos já sabendo a interferência a ser feita, posteriormente, e há vezes em que a composição surge de forma exploratória.

Aqui me lembro de Helena Almeida quando a artista diz “a fotografia não é importante, o importante é o processo” (Juglair; Almeida, 2023) ela também diz, que “os meus auto retratos não criam personagens, eu não me transvisto, são antes a minha relação com o desenho, com a pintura, com o espaço, com a emoção” (Juglair; Almeida, 2023) e aqui concordo novamente com ela. O papel das fotos estão para o tecido da realidade vivida, assim como as interferências sobre ele estão para como lido com o material/vida. A produção é um subproduto da vida.

“É isso, a passagem. Mas também ultrapassar os limites do corpo. Olhamos para o corpo e o corpo termina de repente nos pés, nas mãos. Acaba ali. Não há mais nada à frente, parece uma esarpa de um rochedo sobre o mar. De repente, termina. Porque é que eu acabo ali e começo aqui, porque é que estou cingida a esta forma, porque é que eu tenho esta solidão e a solidão dos outros corpos? Tenho muitas vezes a vontade de me transformar noutra coisa. Quando faço isso em pintura, a tela sou eu e é ela que me permite ultrapassar esse limite do corpo, de trabalhar a minha solidão feliz.”

Helena Almeida

figura 27



sem título

fotografia digital em papel canson

21 x 29,7 cm

figura 28



sem título
fotografia digital em papel canson
21 x 29,7 cm

figura 29



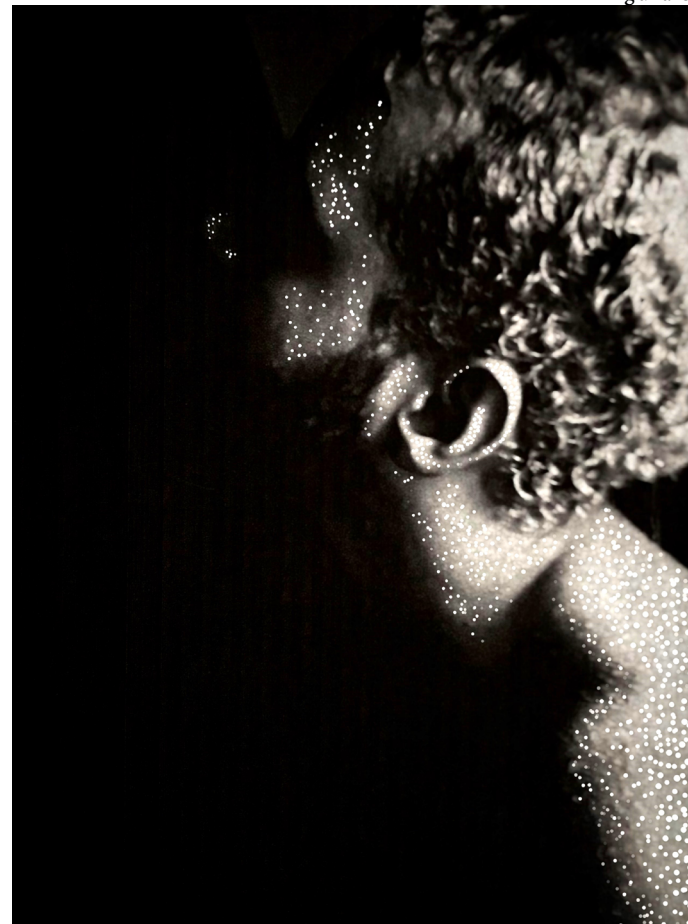
sem título
fotografia digital em papel canson
21 x 29,7 cm

figura 30



sem título
fotografia digital em papel canson
21 x 29,7 cm

figura 31



sem título
fotografia digital em papel canson
21 x 29,7 cm

figura 32



xilogravura em papel
29,7 x 42 cm

figura 33



fauno - II
xilogravura em papel
29,7 x 42 cm

figura 34



homem cervo
óleo sobre tela
40 x 50 cm

figura 35



homem corvo
óleo sobre tela
40 x 50 cm

figura 36



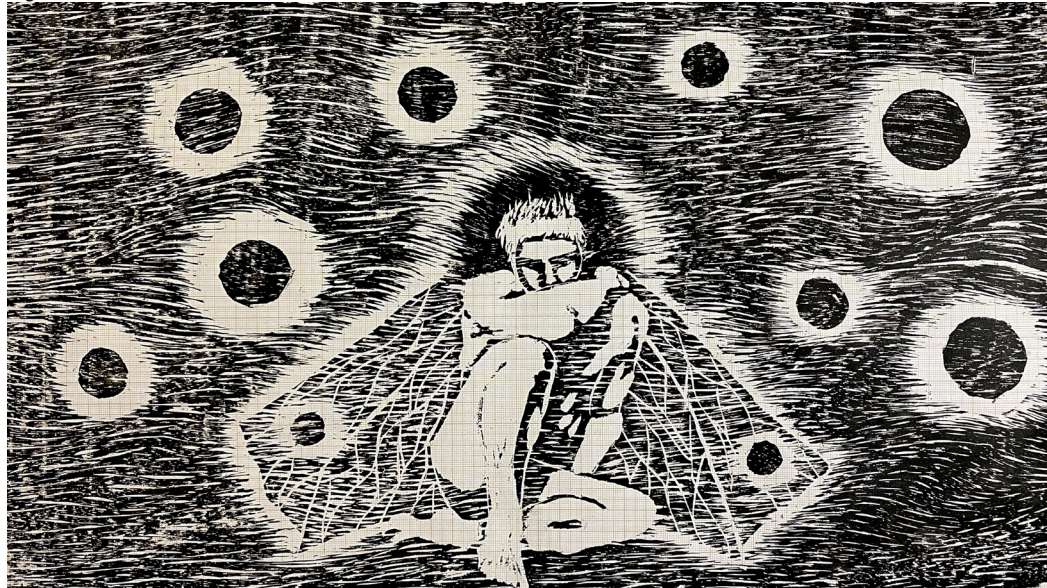
homem cobra
óleo sobre tela
40 x 50 cm

figura 37



homem cannis
óleo sobre tela
40 x 50 cm

figura 38



metamorfose nº 1
xilografia em papel
42 x 59,4 cm

figura 39



metamorfose nº 2
xilografia em papel
42 x 59,4 cm

figura 40



sem título
fotografia digital

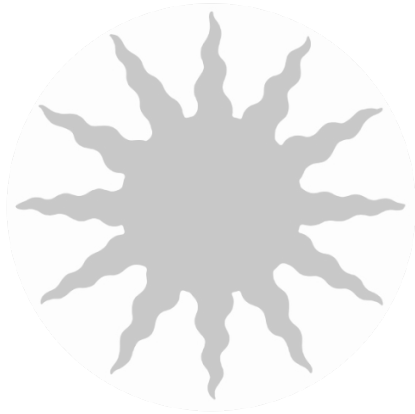
figura 41



homem crocodilo
óleo sobre tela
40 x 50 cm

03. notas do presente

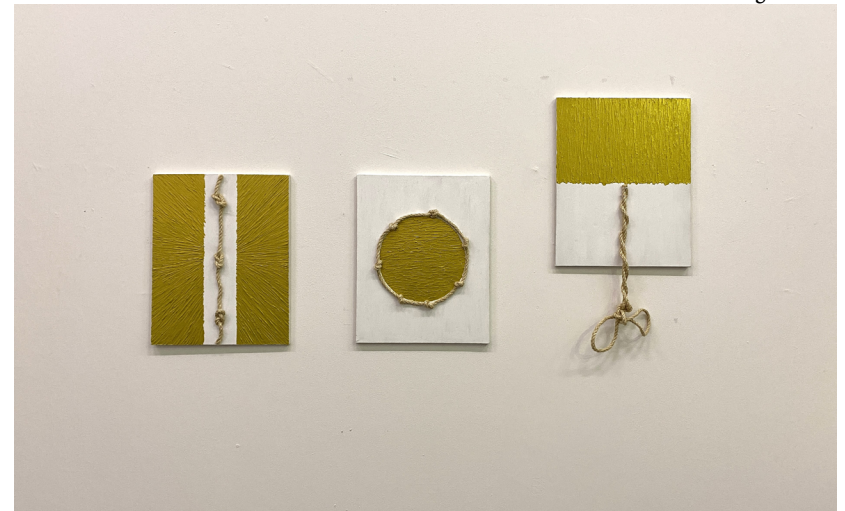




3.1 atando nós



figura 42



série *atando nós* - *marinheiro - direto - algema*
tinta de base acrílica, linha de algodão e corda de sisal
sobre tela
Funart - SP

"Você recebeu o dom da vida. É um dom frágil, não é algo que possa manter para sempre, mas é o dom mais precioso do mundo inteiro, use-o bem pequenino."



figuras 43 a 48
respectivamente

luz e vida: laços, magia e política

No início de 2023, fui convidado, junto com os integrantes da turma do IA-UNESP que cursou a disciplina de Linguagem Tridimensional IV em 2022, a organizar e participar de uma exposição coletiva no Complexo Cultural Funarte SP, com a coordenação da Prof^a Dr^a Renata Pedrosa.

No âmbito de organização, colaborei na pré-produção, expografia e curadoria da exposição que veio a se chamar "Além dos corpos: entre rastros e existências". Como artista, participei apresentando uma série de pinturas, uma escultura e uma obra interativa/perfomática.

Nos meses que antecederam o evento, antes da concepção da expografia e da curadoria, iniciaram as discussões sobre as obras a serem apresentadas; naquele momento fui partidário dos artistas que decidiram produzir algo novo para a exposição. Há pouco tempo tendo superado bloqueios pessoais com a pintura, decido voltar a essa técnica e crio três telas de 40x50cm com tinta de base acrílica, linha e corda de sisal; materiais os quais me aproximo após sonhar com as pinturas prontas; cenas oníricas que fundam ou remetem aos aspectos formais escolhidos para as pinturas.

notas do presente

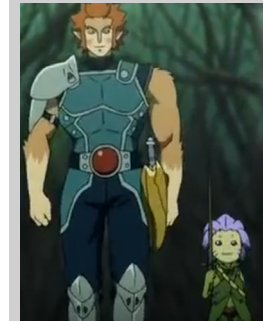
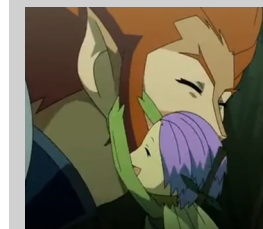
Sonho que sou feito de luz, viajando mais rápido que todas as coisas no universo. O tempo passa diferente para mim, e não posso me apegar a memórias e pessoas, pois há um ciclo de vida inteiro que passa em um piscar de olhos. Amarro uma corda em mim para não me mexer e desfrutar do tempo que passa, muito mais rápido para mim do que para as pessoas ao meu redor; amarrar-me com uma corda foi a maneira encontrada para colocar-me em sincronia com outras pessoas, uma possibilidade de compartilhar o mesmo tempo delas.

A série de três pinturas foi nomeada "Atando nós". As peças foram pintadas com uma espessa base de tinta acrílica branca, sobreposta pela tinta de base acrílica dourada aplicada com espátulas. Há, costurado em cada tela, um pedaço de corda de sisal com nós ao longo da corda.

Na primeira tela há três "nós de marinheiro" centralizados, verticalmente e rentes ao tecido, com faixas à esquerda e à direita da corda, pintadas com a tinta dourada em aplicações



C: "Parece que Emirik encontrou um herói."



E: "Lion, pensei que nunca mais fosse vê-lo. Não reconhece seu velho amigo?"

L: "Emirik é só um garoto."

E: "Talvez da última vez que você me viu, mas acho que fiquei perdido por muito tempo."

L: "Nem tanto."

E: "E você nunca desistiu de me procurar."

L: "Não foi nada"

figuras 49 a 52
respectivamente

C: "O tempo é relativo."
 C: "Essa criança era apenas um bebê horas atrás. Parece que a vida inteira dos Petalars dura apenas um dia. Mas do ponto de vidas deles..."
 L: "É uma vida inteira,"



L: "De que adianta tudo isso? Reinos se erguem e caem, vidas vem e vão. Quem de nós fica muito tempo pra fazer diferença"
 E: "Com tantas aventuras pela frente, ainda temos a chance de deixar nossa marca."

luz e vida: laços, magia e política

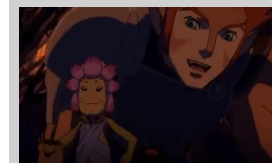
feitas com uma espátula triangular e fina, criando irradiações a partir do nó central.

A segunda tela, conta com sete "nós diretos" em uma corda costurada em forma de círculo no centro do quadro. No interior da forma circular a tinta dourada foi aplicada com espátula arredondada em gestos verticais.

A terceira tela, contém um "nó de algema" feito com a corda enrolada e fixa em um ponto central, horizontalmente no quadro, tangenciando e abaixo da zona de cor dourada, ocupando a primeira metade superior do tela, aplicada com espátula triangular com a ponta curva e em gestos verticais.

notas do presente

L: "Realmente se tornou um grande homem"
 E: "Eu tive um excelente modelo"



L: "Rápido, não temos muito tempo."



E: "Está tudo bem velho amigo."



E: "No fim, o que importa não é quanto tempo vivemos, mas a intensidade com a qual vivemos; o bem que fizemos, os amigos que fizemos, o amor que compartilhamos ao longo do caminho. É a jornada Lion, lembre-se disso."



3.2 para quem não se encontrou



Durante o primeiro semestre letivo de 2022, cursei a disciplina de Linguagem Tridimensional III no IA-UNESP, ministrada pelo Profº Drº Lucas Costa, na época doutorando na linha de Processos e Procedimentos Artísticos. A proposta para o curso era fazer uso principalmente da madeira na produção de um trabalho final que seria desenvolvido e orientado ao longo dos encontros.

Na época, após o recente retorno às aulas presenciais, das quais estávamos afastado por dois anos durante a pandemia, me encontrava imerso em temas relacionados a estrelas, mapeamentos e constelações. Pesquisava a origem e funções cartográficas de diversas constelações, em diversas culturas, ao longo da história humana, mas o que me prendia ao assunto eram suas mitologias simbólicas, suas lendas fundadoras e os conceitos da vida terrena que simbolizavam.

Durante aquele período, voltei meu interesse para a constelação de peixes (meu signo na astrologia ocidental); me recordava também uma história, que havia ficado em minha memória desde a infância, do anime *Saint*



Seiya: Lost Canvas.

Na mitologia greco-romana seguida pela narrativa do desenho, havia 12 cavaleiros com armaduras douradas, cada um com uma constelação zodiacal patrona; eles eram devotos de uma deusa que tinha como missão proteger o mundo humano de influências tirânicas e ameaçadoras. A história se passava no século 19 e, dentre os guerreiros que seguiam a justiça que a deusa pregava, havia o cavaleiro escolhido pela constelação de peixes, Albafica; personagem que apareceu em poucos episódios, tinha a personalidade soturna e era admirado por seus companheiros por ser rico em beleza física.

Durante a história, é mostrado que Albafica de peixes, enquanto aprendiz, mantinha pouca proximidade com outras pessoas por conta de seu sangue venenoso que, segundo a lenda, uma pequena gota seria fatal para qualquer um que entrasse em contato; tal condição, era um fardo carregado por gerações de cavaleiros de peixes que, realizavam um ritual de treinamento chamado “Elo Carmesim”, uma forma de ganhar força, deixando o sangue do pupilo cada vez

mais venenoso, o que um dia acaba causando a morte do mestre, quando este é superado pelo aprendiz.

Dada sua condição, havia uma barreira física e emocional com as pessoas ao seu redor, o medo habitava seu coração, assim como o desejo de ter uma vida social compartilhada. Sua reserva em relação às pessoas era incomum a todos os seus companheiros, que não conheciam seu fardo, e percebiam sua atitude como orgulho ou soberba; na verdade, tratavam-se dos disfarces que Albafica usava para esconder o medo de ter alguém próximo e que poderia se envenenar com sua presença.

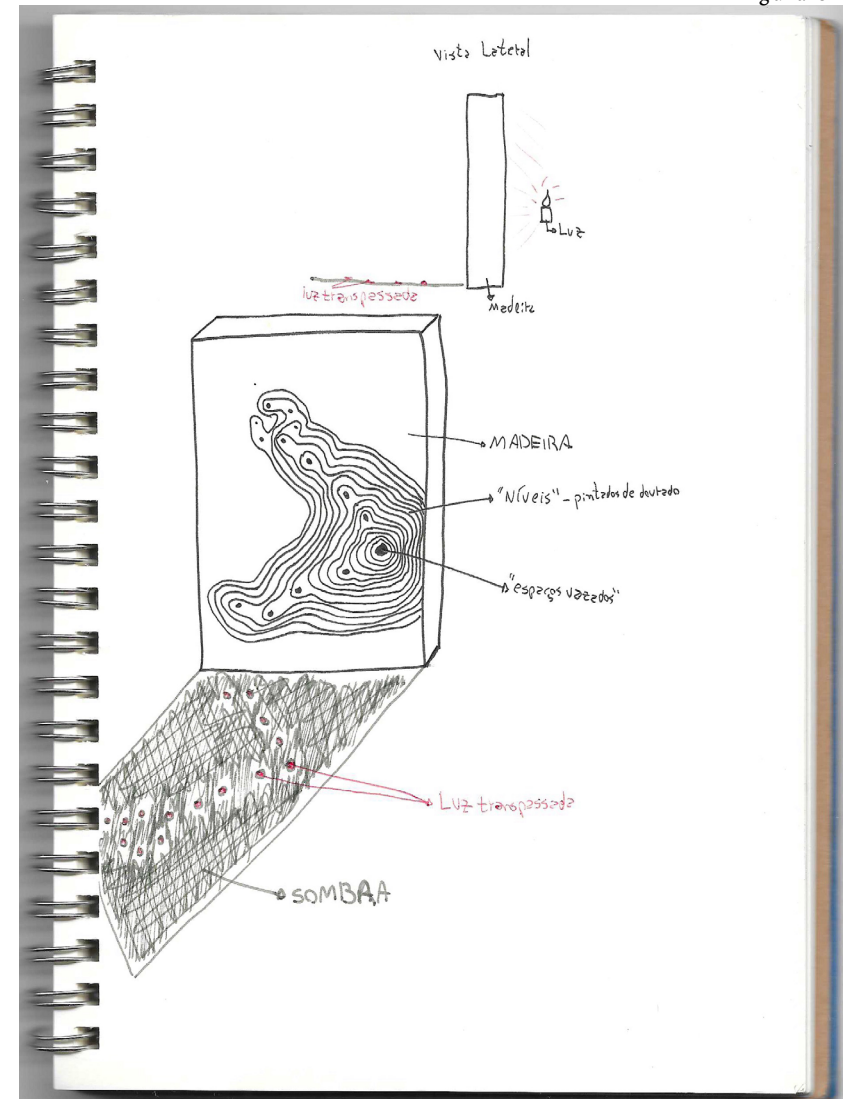
Existem algumas versões da história mitológica para a origem da constelação de peixes, e irei relatar aqui a mais comum. Os deuses do Olimpo estavam apavorados e fugindo do monstro Tifão, que os caçava e iria destruir a cidade divina. Afrodite, deusa do amor, nascida da carne e sangue de Cronos misturados ao mar salgado durante a morte do titã, teme pela sua vida e de seu filho, cupido/eros/amor. A deusa decide então fugir com seu filho, leva-o

até o mar, transformando o filho e a si mesma em peixes, mas, para que não se perdessem, amarrou uma corda em suas caudas e as uniu com um nó. Assim, atados, os deuses do amor sobreviveram. No céu, as estrelas são rearranjadas para imortalizar o momento que garantiu que os deuses do amor continuassem existindo.

A estrela principal da constelação é *Alrescha/Alrischa/Rischa/Rescha*, nomes árabes para a estrela, que significam O Nó, também conhecida como Alfa Piscium, uma estrela que fica na posição do nó que uniu as cordas entre mãe e filho.

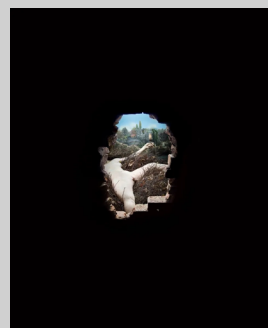
Resolvi então produzir um trabalho usando o tema da constelação de peixes e projetei uma peça de madeira seguindo o esquema a seguir:

figura 64



estudo para *alrescha*





Confeccionei uma pequena placa de madeira com furos que permitem a passagem de luz; em uma das faces da placa há níveis parecidos com topografias aéreas que agrupam furos. O formato de distribuição é organizado seguindo a constelação de peixes, e o correspondente à estrela Alrescha é a camada mais profunda da peça. Para finalizar o trabalho, fiz um tratamento na peça com lixa na parte exterior, criando um contraste entre a bruta extração de material e a superfície lisa; o concluí com a aplicação de tinta óleo dourada e solvente.

Exposta ao ar livre e utilizando a luz do sol para projetar a luz nos furos da peça, a representação da constelação não aparece de uma vez, mas depende da posição do sol, em um momento específico do dia e, por consequência da incidência da luz, alguns furos se iluminam e outros se apagam.

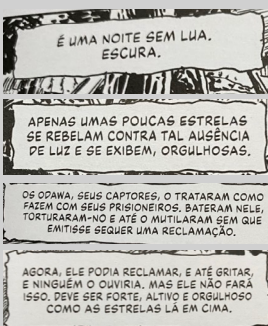


figura 70



alrescha
madeira, tinta óleo e luz
36 x 20 x 5 cm (aprox.)

figura 71



figura 72

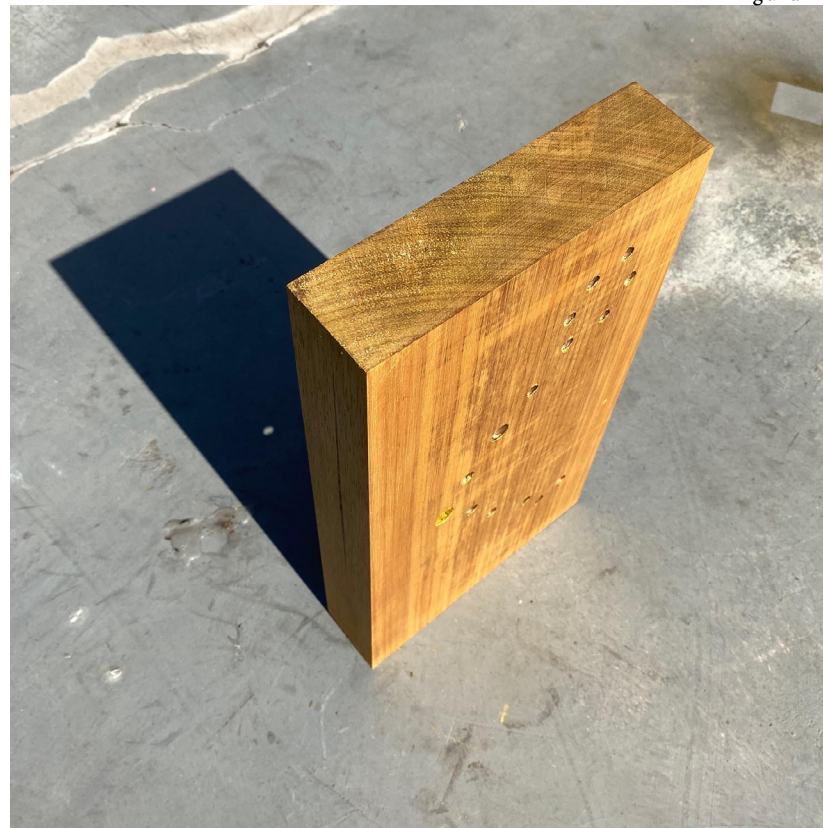


figura 73



No semestre seguinte, cursei a disciplina de Linguagem Tridimensional IV, ministrada pela Prof^a Dr^a Renata Pedrosa, optei por continuar desenvolvendo o projeto que havia iniciado meses antes.

Fiz a escolha de trabalhar com a ideia inicial de usar o formato da constelação de peixes, dessa vez mais simplificada, criando menos níveis na madeira, e usar um pilar de madeira maior e que tivesse uma escala que permitisse ser rodeado pelo corpo do passante. No ateliê de tridimensional da faculdade, encontro um viga de madeira com marcas e intervenções feitas por uma máquina, além de rachaduras que me interessaram imediatamente, pela qualidade formal de criar dinâmica visual na imagem, tal qual Fayga Ostrower diz em seu livro *Universos da Arte*:

Por divergirem de horizontais e verticais, todas as outras direções diagonais, curvas e espirais, são consideradas dinâmicas, potencialmente instáveis e carregadas de maior movimento visual. (Ostrower, 1996, p. 38)

Não terminei o projeto ao final da disciplina, tendo apresentado apenas o processo de desenvolvimento. Finalizo a obra no fim de

2023, dando acabamento com tinta dourada e pintando os furos de tinta preta. E deixei-a exposta próxima ao estacionamento do campus, fincada na terra. Essa decisão envolve uma forma de se amarrar ao lugar, de afirmar um pertencimento, criar um laço/elo/ nó.

figura 74



para quem não se encontrou
madeira e tinta de base acrílica
122 x 18 x 14,5 cm (aprox.)

figura 75



figura 76

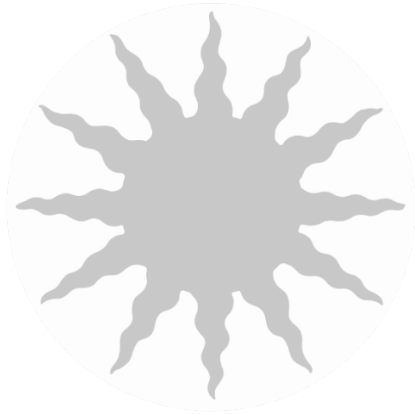


figura 77



figura 78





3.3 bordando o sol



Em 27 setembro de 2022 às 14h30 realizei uma performance no contexto da matéria de Linguagem Corporal, ministrada pela Prof^a Dr^a Renata Pedrosa, onde a proposta era relacionar um fazer artístico ao ato performático; opto pelo bordado, uma prática tradicionalmente imputada ao universo feminino, uma técnica (como todas as têxteis) em lugar de disputa pessoal e familiar do qual me aproprio¹.

Escolho como local da ação o hall do primeiro andar, espaço com grandes janelas de vidro, entrada de luz natural, chão de granito reflexivo e um mezanino. Ali, vestido todo de branco e com a primeira camisa que bordei, o mesmo onde comecei a aprender a bordar, estendo um tecido de algodão cru com dimensões aproximadas de 1,20 por 1,20 metros. Respiro fundo e performo; com um pedaço de carvão desenho um círculo com irradiações, um sol, em seguida, me sento no chão e me ocupo de passar a linha grossa amarela pela agulha. Sem demora, transpasso o tecido por baixo e por cima e, de centímetro

¹ Devido à influência religiosa cristã de vertente neopentecostal, algumas barreiras psicológicas em relação ao universo tido como feminino ainda produzem efeitos que me levam ao afastamento do mesmo.

em centímetro, o contorno do sol em preto se alterna com a linha amarela do bordado.

Por cerca de 15-20 minutos, bordo, às vezes olho de relance para os observadores, os vejo sentados e me pergunto quanto tempo se passou e quanto passará até o fim de minha tarefa. Furo o dedo algumas vezes de forma accidental. Quando chego ao fim, arremato a linha, estendo o tecido e guardo todos os instrumentos no bolso, olho para o tecido, posiciono uma carta sobre o sol e me afasto. Os observadores, as pessoas e suas câmeras, se aproximam para ver o novo elemento que entra na ação: uma carta do arcano maior 19 do tarot - o sol.

Duas semanas depois, a turma se reúne para comentar e discutir as performances e surgem muitos questionamentos por parte dos colegas, sobre a escolha da técnica, sobre a roupa que usei entre outros; também sou questionado pela professora o porquê da mudança de forma que havia proposto para o bordado antes, no momento da concepção, uma espiral; digo que decidi mudar porque a forma de sol fazia mais sentido para mim, dada a proximidade com o assunto, em virtude de pensar constante em

estrelas, luz e constelações; tal questionamento foi seguido da pergunta “é a carta de tarot, veio da onde?”, naquele momento desvio o olhar para cima, balanço um pouco a cabeça e respondo: “Penso na imagem do tarot como alegoria e produção de significado, tenho me interessado pela leitura de tarot e gosto, mais como uma interpretação de imagem do que como um dispositivo premonitório”.



figura 80



bordando o sol
performance

figura 81



figura 82



figura 83



figura 84





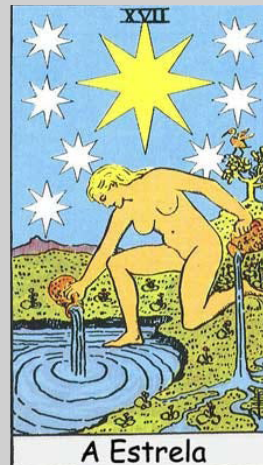
3.4 cartas para levar



Em Outubro de 2023, ocorre uma edição do festival Cruza no Instituto de Artes Unesp; a programação prevê uma feira de arte onde estudantes podem divulgar e comercializar seus trabalhos. Naquela edição me senti compelido a produzir algo especificamente para a feira. Na época, o imaginário místico do tarot ainda me rondava, agindo em meus processos criativos, mesmo que de forma sutil. Voltei a fabular internamente sobre o assunto até que a fábula se tornou ideia e a ideia se materializou em obra.

Vindo de um período de grandes desafios pessoais, fiz uma consulta ao tarot, com apenas duas cartas que simbolizavam, naquele momento, um questionamento sobre os tempos vindouros; a primeira carta representava o que fica para trás e, a outra carta, o que me espera pela frente. O resultado foi a carta da Torre (arcano 16) seguida pela carta da Estrela (arcano 17).

Entre as leituras possíveis para aquela consulta, abracei a ideia de fim do caos destrutivo, necessário para prosseguir, para um período de esperança e renovação, em concordância com a



sequência da jornada do herói².

Decidi confeccionar 2 adesivos de 4x5 cm, a partir de uma releitura da carta que me trouxe esperança, a Estrela (arcano 17); e a segunda carta escolhida foi dos Amantes (arcano 6).

figura 87



² Na fábula do tarot a Jornada do Herói é um percurso pelas cartas dos arcanos maiores em sequência numérica que contam a história de evolução espiritual de um personagem.

us amantes
ilustração digital

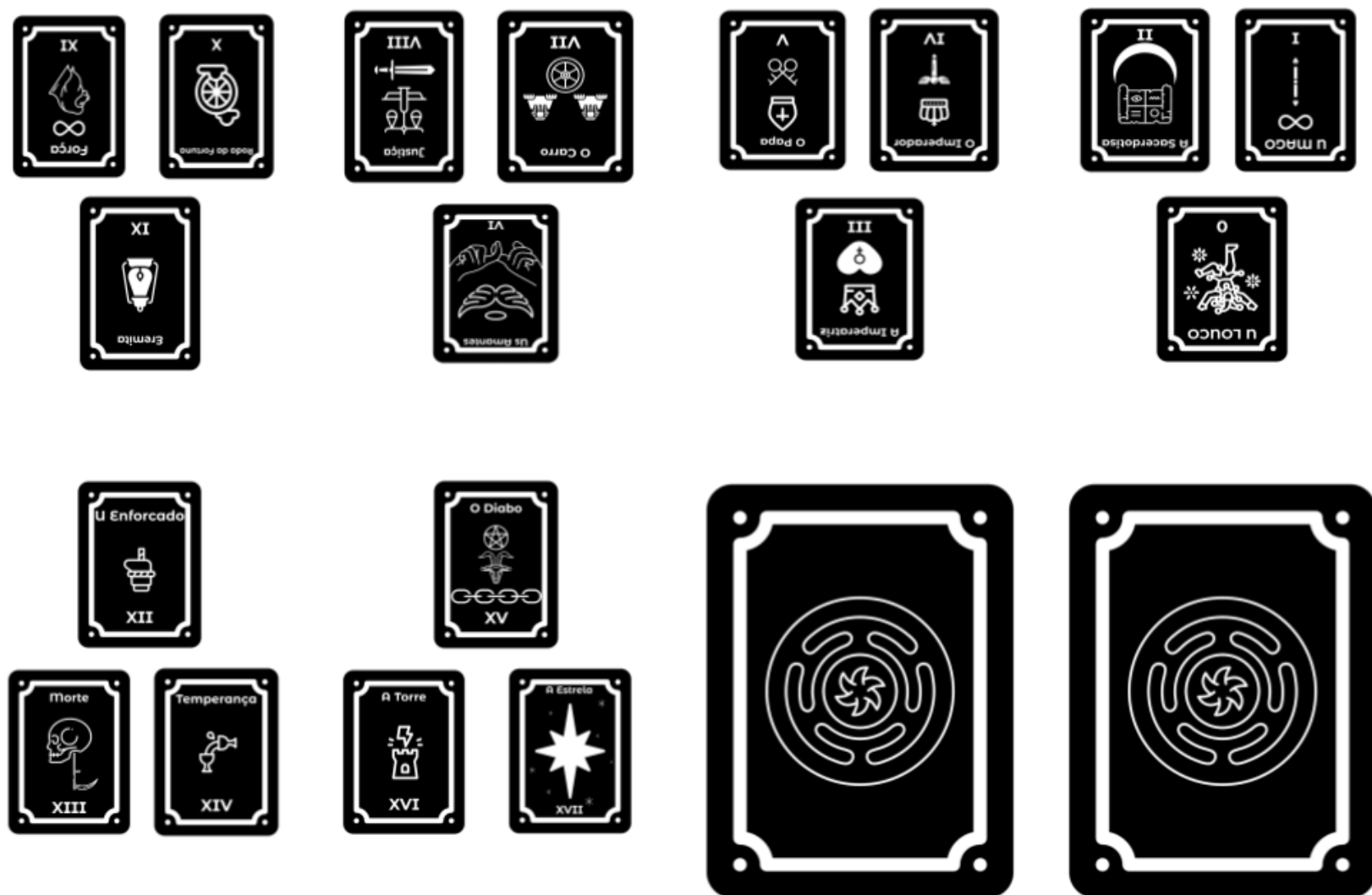
figura 88



a estrela
ilustração digital

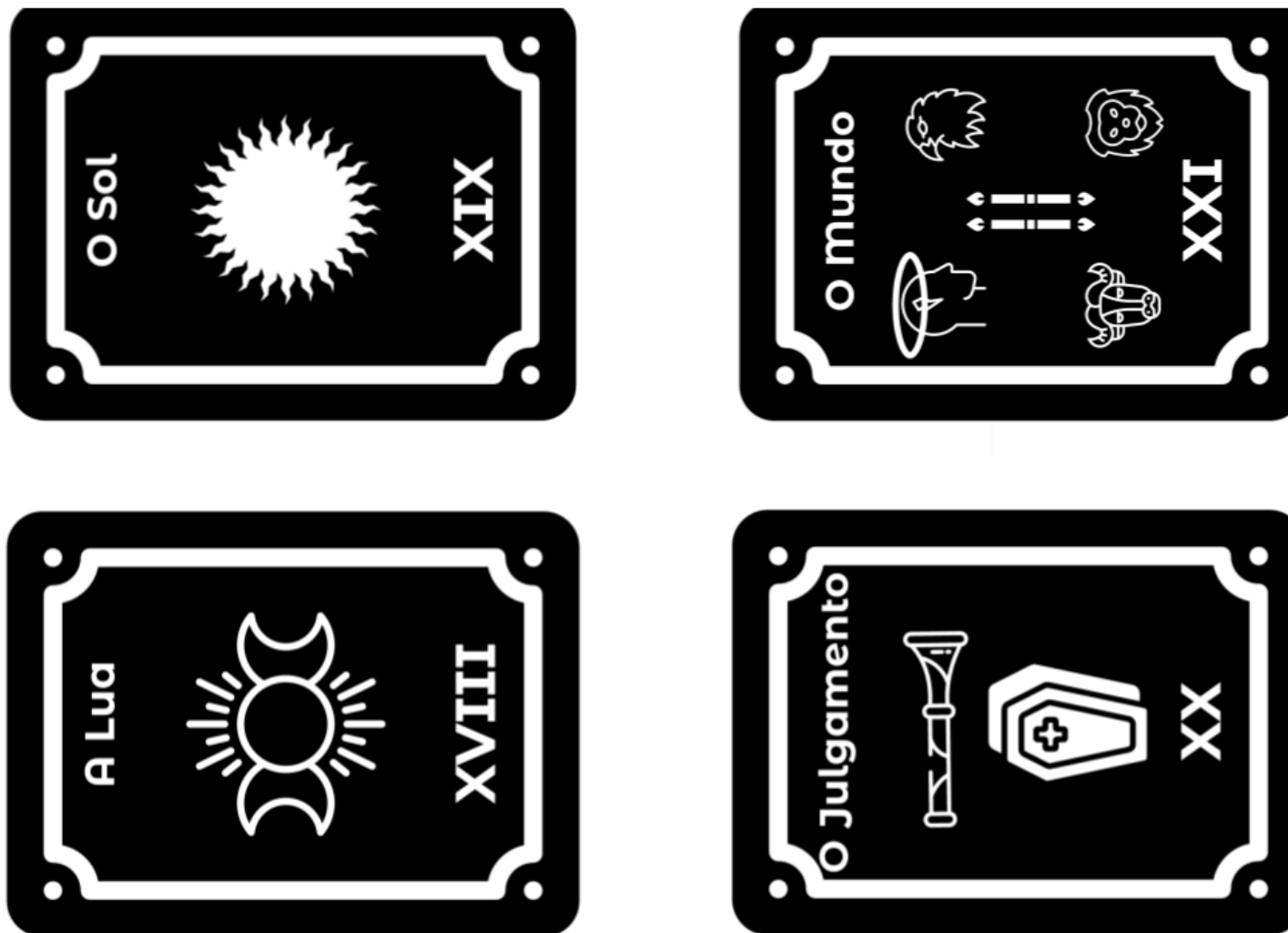
Semanas antes do festival, dei início a venda dos adesivos, entre outros produtos, parte de um projeto de confecção de estampas de camisa. Uma semana antes, expando o projeto para produção de um zine com 22 ilustrações dos arcanos maiores do tarot. Indo mais adiante, produzo serigrafias em ecobags das cartas do Louco, Mago e Amantes. Ainda, como parte deste projeto, desenvolvo lambes com a ilustração da carta do Louco, personagem que evoca liberdade, ingenuidade, carisma, e potência não aplicada, além de ser o arcano 0, um começo e recomeço; decidi colá-los em diversos lugares do campus da universidade.

figura 89



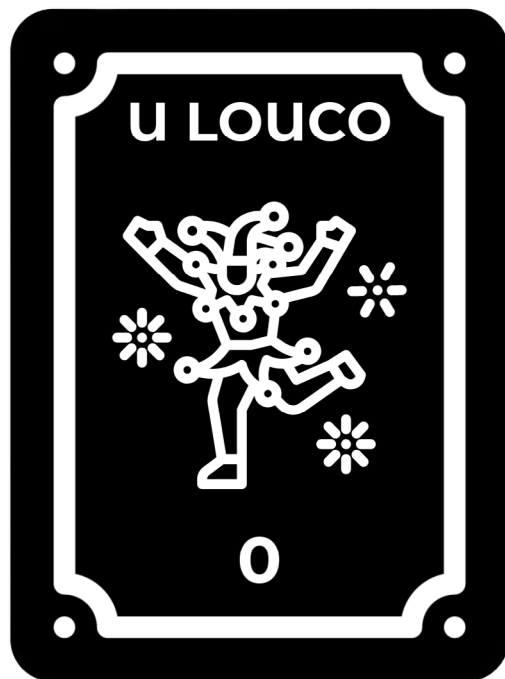
zine tarot
ilustração digital

figura 90



zine tarot
ilustração digital

figura 91



u louco
ilustração digital

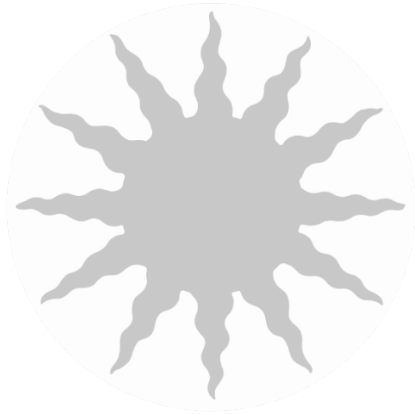
figura 92



u louco
lambe em serigrafia

Me apropriando do discurso da carta e, realocando seus significados à minha própria jornada de amadurecimento, fabulo um percurso que traça paralelos entre o personagem do Louco e os contínuos ciclos de desenvolvimento pela jornada do herói, onde tudo se relaciona com as formas de interpretação do mundo e da realidade. Seja na forma de ilustrar conceitos ou nos jogos de divinação que, via de regra, podem ter conselhos e reflexões a partir de abstração entre a situação dada, como uma pergunta, e a carga simbólica das cartas, como o tema ou a numerologia; assim, se encaixa o mundo fantástico no mundo real, uma forma de ensaiar o futuro, interpretar o presente e ressignificar passados.

Inevitavelmente você vai sofrer de
novo
Quando quebrar a cara
E depois rir do próprio engano
Salvam-se todos perto do final
Aqui ou em um outro plano astral



3.5 criando estrelas



figura 94



vídeo performance

12' 39"

disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ic5bVhsNOEk>

Em 27 de novembro de 2022, posto em meu canal no youtube uma vídeo performance realizada, uma semana antes, no contexto da disciplina de Linguagem Corporal, a partir dos temas abordados em sala de aula. Performo uma ação, registrada em vídeo, que se assemelha a um ritual.

Em uma sala escura, tenho na minha frente uma chapa de latão, presa com fitas crepe finas, a uma base de madeira, que também é base para uma vela verde, recém acesa. Inicio a ação agachado, rente ao chão e, com uma furadeira, perfuro a chapa de metal em diversos pontos usando uma broca fina. Com o passar do tempo, o som da furadeira se torna mais agudo e estridente, o metal esquenta, a chapa escapa da madeira, entre um furo e outro, a vela é arremessada para longe e se apaga.

O ambiente, com uma luz fraca e amarelada, ilumina os objetos e meu corpo, vestido inteiramente de branco e descalço, com uma camisa com a estampa de um sol brilhante dourado. Por cerca de dez minutos, me dedico apenas à atividade de furar, até que, por fim, termino as perfurações; é, então, que acendo

a vela novamente e a reposiciono na base de madeira. Ergo a chapa, ainda morna, depois do aquecimento em virtude do atrito da broca no metal, e posiciono a vela de maneira que a luz passe pelos furos e projete luz na base, projetando a forma de um círculo junto a outros furos que se organizam no formato da constelação de peixes. Em seguida, posiciono a vela sobre a chapa de metal, retiro do bolso duas cartas de tarot e as disponho à esquerda e à direita da base de madeira - os arcanos do sol e da estrela. Ergo a base da altura da câmera, e as cenas dos levantes são editadas em replay.

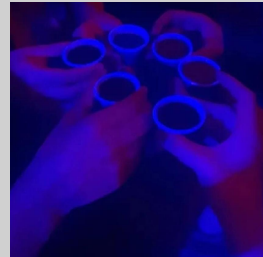


figura 100



figura 101

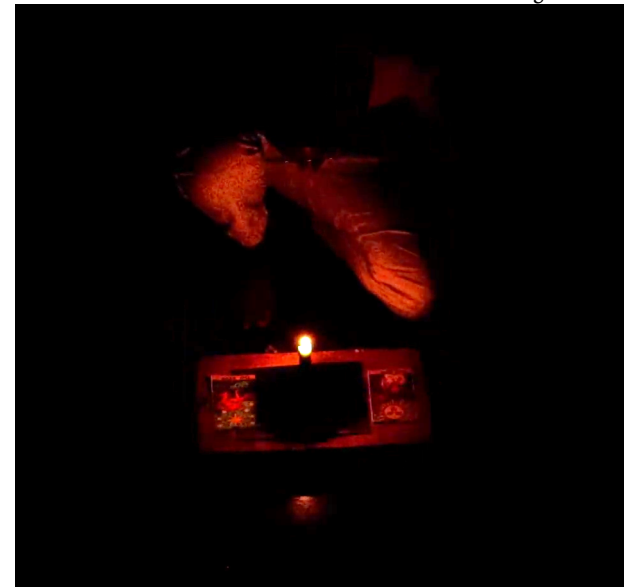


figura 102



figuras 103 a 106
respectivamente



figura 107





Em alguma medida, percebo que meu processo artístico advém de múltiplos vetores, não está restrito a uma única questão, mas a uma vasta gama de sonhos/desejos. Ao longo da minha formação, fui atraído para lugares e discussões onde, muitas vezes, imergi nas profundezas, outras vezes, me ative a apenas molhar os pés e, em outras ainda, me portei como uma mariposa, obcecada pela luz artificial e exaurindo minhas energias.

Para relatar este percurso me aproximarei da filósofa e artista Denise Ferreira da Silva e da artista Valentina Desideri, quando juntas concebem o projeto que chamam de “Leituras (Po)éticas”. Ambas se juntaram em explorações de ações/ ferramentas relacionadas a processos de cura que têm potencial de complexificar modos de sentir e atuar de forma ética e política no mundo, sem deixar de lado as dimensões espirituais da existência. (Da Silva; Desideri, 2018, p. 61).

O projeto das duas artistas envolve, em grupo, leituras de tarô, astrologia, filosofia, leituras de mãos, ervas medicinais, reiki e outras práticas dentro de questões ou problemas políticos

trazidos por integrantes do grupo, e com essas ferramentas buscam destrinchar toda a complexidade do assunto.

Discorrem no texto, “Leitura (Po)ética”, questões como transfiguração da leitura, a prática política da leitura como imagem, como expressão, os modos de sentido de cada leitura, a particularidade de cada vocabulário, de leitura como imagem da intenção que tem seu próprio modo de sentir e significar. Cada leitura é acessada a partir de métodos diversos, uma forma de dar a ver uma composição que é, também, intenção; forma de entender e de se relacionar com a questão.

Fazer sentido como um processo é precisamente o movimento de romper as separações que levam à dor ou à violência. Fazer sentido, nesse ponto de vista, é um processo transversal, ao longo do qual as ferramentas e práticas nos permitem alcançar as dimensões mais profundas de uma experiência, uma situação ou um evento, que expõem o caráter criativo, complexo e transformador da existência. (Da Silva; Desideri, 2018, p. 61)

Chamo atenção aqui para o ponto onde me aproximo das duas artistas: a ideia de criar sentidos e significados como forma de cura,

não como uma solução, ou para atribuir função aos atos de criação, mas como veículo de compreensão de estados sensíveis da percepção espaço-temporal que habito e compartilho, como um fazer que exige a presença do corpo e da mente para dar forma, realocar e trazer ao consciente e ao mundo material as formas plásticas e, com elas, criar a capacidade de tomar posição; um ensaio para a realidade material.

Em vez disso, o fazer sentido oferece maneiras de navegar a situação problemática, especulando sobre a possível relação entre elementos de natureza e escala diferentes, tais como: sentimentos, pensamentos, dinâmicas de poder, pressão econômica, e qualquer outra coisa que possa estar em jogo na situação dada – todas as ferramentas, todas as práticas que podemos utilizar ou inventar para fazer sentido, propor e ensaiar a nossa própria maneira de viver e fazer diferente.

(Da Silva; Desideri, 2018, p. 61)

O que chamo de veículo de compreensão, são as práticas que compartilho com as artistas, como a leitura de tarot onde, ao longo de minha experiência com o assunto, vi a possibilidade de expurgar confusões e organizar convicções dispersas.

Usando um baralho de 78 cartas, com diversas formas de leitura e combinações ao acaso, o sentido se constrói e se dá na sensibilidade e no desejo de querer vê-los. Nele encontro o ponto de partida para significar coisas que ainda estão em construção, e que se aglutinam pela liga da crença na revelação.

Cura aqui se torna o processo de reinterpretação da existência, recompondo as narrativas e experiências da doença, dor ou sofrimento. Neste sentido, a cura não é o marcador entre saúde e doença – é antes um processo de criação na linguagem e como linguagem, um processo de expressão. É a criação de sentido, quando orientada para questões éticas e coletivas, que tem o potencial para recriar o mundo de uma nova maneira. (Da Silva; Desideri, 2018, p. 61)

Levo esse fazer em minhas produções como um elemento que mais abre possibilidades do que determina significado, com a convicção de que tudo que se quiser compreender, será lido por um pretexto material ou outro, onde o significado/expressão da carta ou da ação vem pelo interesse de desvelar algum sentido,

podendo ter variadas significações, onde nada é fixo.

As pessoas estão receptivas; receptivas, a partir de algo que já existe nelas em forma potencial e que encontra no acaso como que uma oportunidade concreta de se manifestar. (Ostrower, 2013, p. 25)

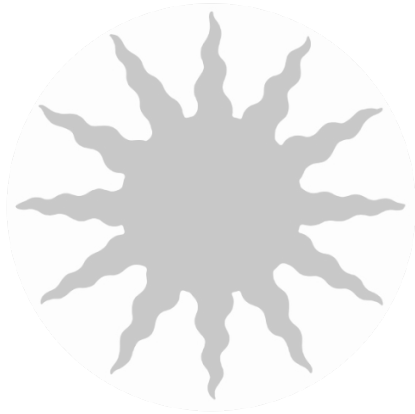
Retomando meu desenvolvimento como artista em constante mudança, significação e ressignificação de todos os gestos que pratico, entendo como sendo evidente que o fazer artístico denuncia a forma de ver e levar a vida; a cada momento em que discuto um processo, uma tomada de decisão ou um motivo inicial que engendra em uma obra, o acaso e a vida cotidiana compartilhada se juntam para fazer, da condição atual, um motor para seguir em frente no trabalho estético.

No contexto de entrelaçamentos, pego emprestado a fala de Hilma af Klint quando diz “a vida é uma farsa se uma pessoa não serve a verdade” (Pinacoteca, 2018, p. 151). A minha vida, que se mistura ao trabalho artístico, não me deixa mentir em como vejo, intuo e me

relaciono com as coisas, e nem poderia - sendo ainda que todas essas relações passam por filtros da dinâmica de poder do contexto em que vivemos, onde (via de regra) função designa valor, na falsa ilusão de liberdade no sistema de organização social capitalista; mesmo lugar onde raça determina status, gênero determina direitos, e outros marcadores sociais dos quais, apenas uma pequena parcela de seres humanos, pode se dar ao privilégio de se ver livre. Nessa mentalidade construída ao longo de gerações, pouco espaço se encontra para a saída de um mundo onde tudo contribui para o desvio ou a expropriação da pulsão de vida³, necessária para um viver consciente e completo (Rolnik, 2018).

³ Pulsão de vida, para Suely Rolnik é o termo usado para as ações que possuem raiz na subjetividade humana. No prefácio de “Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada”, Paul B. Preciado cita a pulsão vital, a linguagem, o desejo e o afeto como exemplos componentes da pulsão de vida.

figura 110



3.6 cortando laços



vídeo performance
1' 42"

No dia primeiro de agosto de 2023, em meu quarto ano de graduação, começo a fazer parte da Residência L.O.T.E. (Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço), no ateliê 509 do Instituto de Artes da Unesp. Fascinado pelo fato de poder desfrutar de um espaço coletivo de produção, passo por um período inicial em que produzo com mais frequência.

No dia 6 de agosto de 2023, publico em minha rede social uma vídeo-performance onde há um chassi de madeira, de 50x40 cm, na parede, pintado com tinta dourada; em volta do chassiss estão amarradas 7 fitas pretas de poliéster formando sete laços.

Início a ação me aproximando do chassi pelo lado esquerdo, de onde pego o primeiro laço em mãos, o mais abaixo. Com uma tesoura na outra mão, corto o primeiro laço, logo após, a imagem inicial dos sete laços atados aparece sobreposta ao chassi, agora com 6 laços.

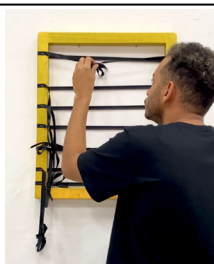
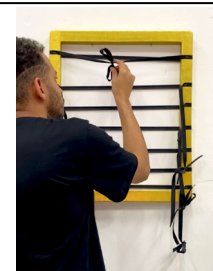
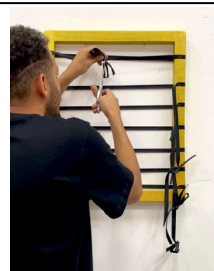
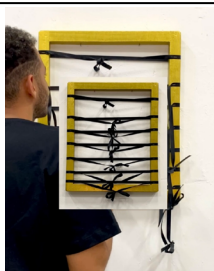
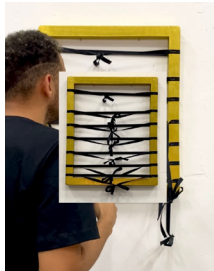
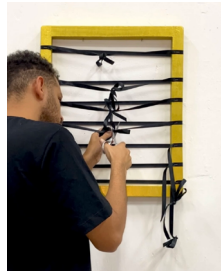
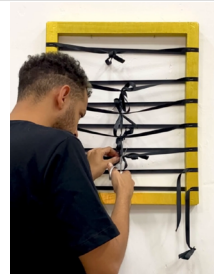
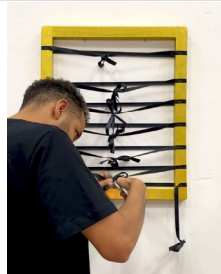
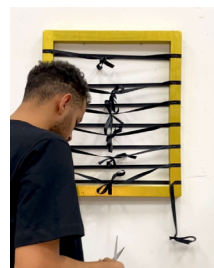
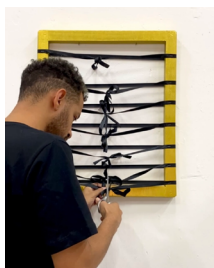
O processo continua da mesma forma, com o corte de um laço e a sobreposição da imagem com os 7 laços completos, até chegar ao último; nesse momento, a imagem se detém na cena em que seguro o último laço com a mão, aproximo

a tesoura e, sem demora, me afasto. A imagem dos sete laços aparece novamente; seguro o último laço mais uma vez; a imagem sobreposta aparece novamente; caminho até o lado direito do chassi e seguro novamente o laço; a imagem reaparece; me viro e saio do campo de visão da câmera e, por mais 4 vezes, a imagem dos sete laços aparece rapidamente sobreposta à imagem do único laço que restou.

E assim como o tempo, um motor ao relento
Sinto saudade, já não me recordo porquê
E assim como o tempo, o motor ao relento
Você disfarça a tristeza e sorrisos pra fingir viver

figuras 112 a 131
respectivamente

luz e vida: laços, magia e política



notas do presente

“Cortando laços” é, assim, como as outras performances aqui relatadas, um trabalho sobre o gesto físico que faz referência ao gesto metafórico. O corte simboliza o afastar, a distância, o abismo e a barreira, o isolamento; assim como o laço está para a união, a ligação, a interação, o dobramento mútuo. A ação mecânica dá espaço para outra forma de portar o corpo naquele tempo e naquele espaço, diferente da convencional, e na questão envolvida, traz a possibilidade de ressignificação da experiência primeira, a partir de outra forma de reagir a situação, também um ensaio para um tempo que não é o presente.



O mundo é altamente conectado e integrado, como nunca antes na história da humanidade, o fluxo de informações e contaminações entre política, economia, cultura, idioma, culinária, filosofia, valores morais e outras tantas dimensões da vida têm se tornado cada vez mais achatadas; assim, como as formas de entender o mundo ao nosso redor e nossa interação com as pessoas e o espaço tem se tornando cada vez mais ordinárias, ordenadas e genéricas em similaridade modular que traz os recursos prontos para levar a vida. (Rolnik, 2018)

O enfraquecimento da autonomia da própria experiência de vida é uma forma de domínio programada. O processo que se tornou mais selvagem desde o início da revolução industrial, o capitalismo, que avançou para o liberalismo e hoje se encontra em um estágio nomeado de neoliberalismo, vai muito além do jogo monetário de poder. Nele, há uma necessidade de controle nas dimensões mais sensíveis do ser humano, os valores da vida e a experiência temporal. (Rolnik, 2018)

Percebo que o que se valoriza na vida é difundido na cultura colonial, ali se valoriza o dinheiro,

a propriedade privada, o controle bélico, um único ponto de vista sobre como o mundo e as pessoas funcionam e se constroem, enquanto se criam outras ideias fictícias do que ele mesmo se trata, como a meritocracia, a igualdade entre todos os seres humanos, os direitos iguais e universais, apenas para citar alguns.

O controle sobre percepção temporal se aproxima do conceito de mais-valia, o tempo (que já se entende a muito como dinheiro) deve sempre ser útil e programado em uma rotina cíclica estagnante, produtora de mais-valia; e o valor do tempo não chega em sua justa parte ao agente da atividade (Rancière, 2021).

Essa forma de viver que é imposta e se disfarça de natural, atravessa o corpo e a mente do ser humano e instaura um modo de vida automático, produtivo e fabril. Christine Greiner em seu livro “Corpos Crip”, traz uma visão sobre a relação entre mente e corpo que vejo como fundamental para a discussão:

[...] todo estado corporal “marca” uma imagem ou um fluxo de imagens, uma espécie de cartografia que o cérebro realiza incessantemente, mapeando o que acontece no corpo. (Greiner, 2023, p. 23)

E esse estado corporal que Christine entende vem atrelado a forma de existir pronta e genérica proporcionada pelo que Suely Rolnik, em seu livro *Esferas da Insurreição*, chama de inconsciente colonial-capitalístico⁴ (Rolnik, 2018) que se instaura pela experiência corporal cognitiva do sujeito, como Christine o afirma:

[...] O único modo de conhecer é conhecer corporalmente, pois a mente emerge do corpo e de nenhum outro lugar. São as singularidades corporais que acionam o modo como o conhecimento se organiza. (Greiner, 2023, p. 21)

Sobre o mesmo tema, Jacques Rancière disserta em como a percepção do tempo afeta a vida humana em sua auto imagem e seu cotidiano.

A linha de separação mais profunda é aquela que separa os que têm tempo dos que não o têm. A partilha hierárquica dos tempos não submete esses últimos apenas a um trabalho explorado. Ela também lhes dá um corpo e uma alma, uma maneira de ser no tempo e no espaço, de mover os braços e as pernas, de olhar, de falar e de pensar adaptados a essa determinação. (Rancière, 2021, p. 34-35)

⁴ Para Suely Rolnik, o termo é usado para se referir a uma patologia histórica do inconsciente que permeia as forças vitais e achata a experiência do indivíduo no mundo e a formação de sua identidade.

"Sua carne se tornou um sensor"

Saidiya Hartman em *O fim da supremacia branca*

"A diferença maior é que o enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida"

Eliane Brum em *A vida que ninguém vê*

Ao que Rancière discute, Achille Mbembe pode enriquecer, sendo um autor negro de Camarões capaz de perceber como o colonialismo atua sobre corpos racializados:

A sujeição também precisa estar inscrita na rotina da vida cotidiana e nas estruturas do inconsciente. O potentado deve habitar o súdito de modo tal que este não possa mais exercer sua faculdade de ver, ouvir, cheirar, tocar, se mover, falar, se deslocar, imaginar, deixando até de sonhar sem que seja em referência ao significativo mestre que agora o domina e o obriga a gaguejar e a titubear. (Mbembe, 2018, p. 225)

Voltando ao início desse fio de pensamentos sobre corpo, tempo, experiência, valores, capitalismo e colonialismo, retorno à palavra inicial, corpo. Em meu corpo sempre fui capaz de sentir os efeitos de todo o contexto acima discutido. Ao tomar consciência de minha situação, me encontrei em um estado que Saidiya Hartman entendeu como: “[...] *pieza framework*, a consciência de existir como uma coisa, como uma commodity, um índice de valor (e a recusa em aceitar isso).” (Hartman, 2021, p. 53)

Dentro da recusa em aceitar o lugar que foi

imposto, lembro da artista Hilma af Klint, quando dizia sobre sua condição de artista:

“Sou tão pequena, sou tão insignificante, mas dentro de mim, transborda uma espécie de força que tem que seguir em frente.” (Pinacoteca, 2018, p. 151)

A partir de minha consonância com o pensamento da artista, me surgem outros pensamentos e questionamentos, conscientes e inconscientes, sobre como reconquistar a autonomia da vida, como fugir dos efeitos do inconsciente colonialcapitalístico que produz uma sombra sobre mim.

Como apontado por Suely Rolnik, andar em sujeição a influência desse poder perverso, resulta em: “Uma vida genérica, vida mínima, vida estéril, mísera vida.” (Rolnik, 2018, p. 77)

Por meio da performance e da tentativa de dar outra significação ao tempo fruído pelo corpo, me esforço para criar outra relação com o espaço através de gestos e símbolos que fujam dos grilhões do tempo colonizado e da lógica do capital. Uso da performance como um tempo contrário ou, até mesmo, fora do tempo de produção, um tempo sobre si mesmo, construído de forma autônoma e que se finda no próprio



motivo de sua criação. Através dessa linguagem, percebo um movimento que se aproxima do que Rancière aborda como fuga da colonialidade do tempo.

Reconquistar o tempo é, portanto, transformar essa sucessão de horas, nas quais nada deve acontecer, em um tempo marcado por uma multidão de acontecimento. Na narrativa de Gauny, a jornada de trabalho é um tempo em que, a cada hora, alguma coisa acontece: um gesto diferente da mão, um olhar que se desvia e faz o pensamento vagar, um pensamento que surge espontaneamente e que muda o ritmo do corpo - um jogo de afetos que faz com que a servidão que se sente ou a liberdade que se experimenta se traduzam em gestos e andamentos diversos e em encadeamento contraditórios de pensamento. (Rancière, 2021, p. 35-36)

Dentro do campo da arte, da estética e da performance, encontro uma possibilidade de justiça; inserido no jogo perverso do capital e da mentalidade colonial, criara-se, em mim, a necessidade de fuga que me permite fabular caminhos para acabar com seus efeitos dentro da esfera micropolítica em que atuo.

Faço do tempo e do contexto vivido, formas materiais em obras que tensionam o próprio

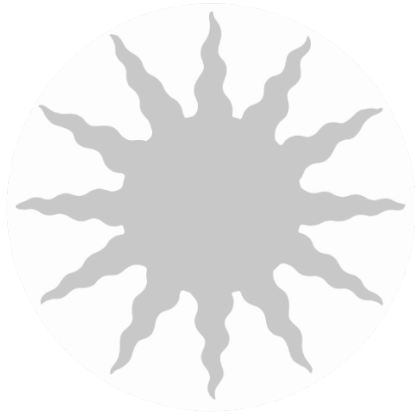
motivo de existir. Os elementos tratados em meus trabalhos denunciam, de alguma forma, a condição humana ali presente, a condição daqueles que são deixados à deriva na periferia mundial, em termos geográficos e temporais, que expõe o abandono político e histórico, forçados a buscar outros caminhos para se compreender enquanto sujeito periférico, recorrendo ao misticismo, à fé e à esperança.

A fita do bonfim tá pra partir já
A santo não se basta só pedir pra
Jah
A sorte é um mantra diferente lá
Tudo passará
Vinte anos de esmola espiritual
Todo plano que se quebra em
corpo é todo amor
Não se recebe, não se enxerga em
cor de sol
Extrema fonte de vontade

As mandingas e os segredos de
alquimia
Pra curar amor ferido, até por
traição
Lavando a mente de toda tristeza
ah
Tudo passará
Quando a hora chegar, eu tenho
brilho
Quando o brilho apagar, eu sou
constelação
Não perco o timing, nem tudo é
dinheiro
Só sei ser inteiro, não sei ser pela
metade

I wish I knew how
It would feel to be free
I wish I could break
All the chains holdin' me
I wish I could say
All the things that I should say
Say 'em loud, say 'em clear
For the whole round world to hear
I wish I could share
All the love that's in my heart
Remove all the bars
That keep us apart
I wish you could know
What it means to be me
Then you'd see and agree
That every man should be free
I wish I could give
All I'm longin' to give
I wish I could live
Like I'm longing to live

I wish I could do
All the things that I can do
And though I'm way overdue
I'd be startin' anew
Well, I wish I could be
Like a bird in the sky
How sweet it would be
If I found I could fly
Oh, I'd soar to the sun
And look down at the sea
Then I'd sing 'cause I'd know, yeah
And I'd sing 'cause I'd know, yeah
And I'd sing 'cause I'd know
I'd know how it feels
I'd know how it feels to be free, yeah,
yeah
I'd know how it feels
Yes, I'd know
I'd know how it feels, how it feels
To be free, no, no, no



3.7 eu não estou pronto

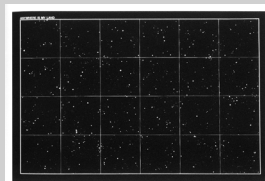
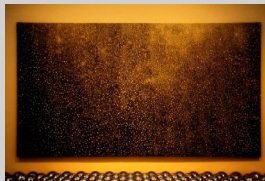


Em abril de 2023, influenciado por percalços da vida, conflitos e fortes mudanças nas relações familiares, finalizo uma pintura com o título “Eu não estou pronto”. A tela de 40x50 cm é feita com tinta spray preta e tinta de base acrílica dourada.

O processo de produção da obra consistiu nas seguintes etapas: por duas horas aplico tinta sobre a tela; início aplicando a tinta spray preta fosca sobre uma superfície do tecido de forma não uniforme, dando a ver pequenos pontos brancos do algodão cru. Após a secagem, faço uso da tinta dourada, mergulhando os dedos no pote e aplicando a tinta na tela em gestos pontuais, rápidos, leves e com um intervalo de tempo, entre um e outro, de cerca de três minutos; tempo que uso para analisar a composição que está se formando e que reflito sobre as motivações daquele fazer artístico.

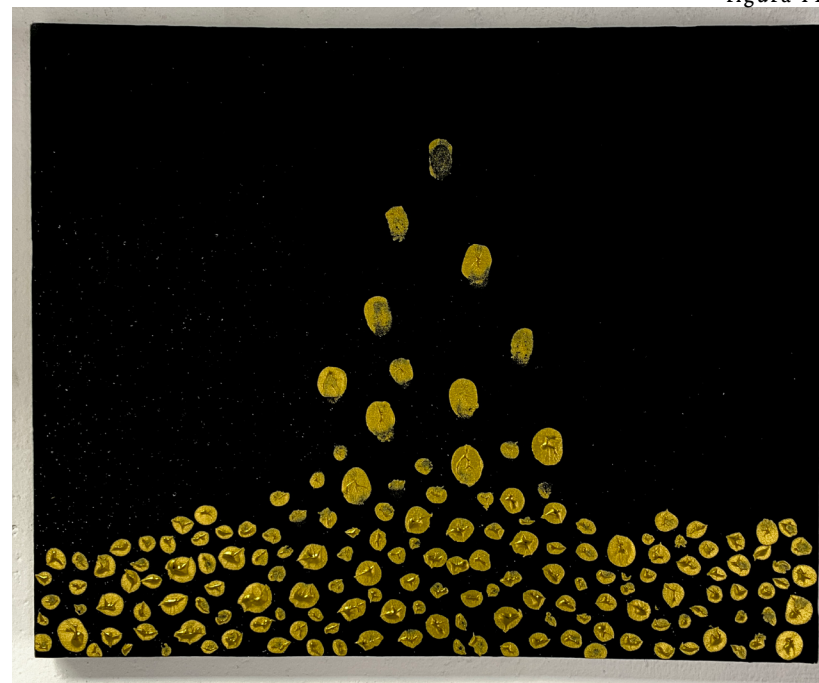
No desenrolar do processo, os gestos são mais demorados e menos tinta se acumula na superfície da tela. Nas aplicações finais, a pouca tinta restante nos dedos mostram indícios das marcas de minhas digitais.

“Eu não estou pronto” é uma pintura com uma



composição abstrata, mas com uma carga simbólica que pode remeter aos caminhos espirituais e às organizações cósmicas das estrelas: os pequeninos pontos brancos e os pontos dourados entram em relação com o preto fosco que funciona como fundo e como superfície sobre a qual "reluz" o dourado.

figura 143



eu não estou pronto
tinta de base acrílica sobre tela
50 x 40 x 2,5 cm

Talvez a verdade esteja ali
Nos beijos em aeroportos
Rezas de hospitais e coisa e tal
Tá na cor do café
Tá no gosto do pão
Em sonho, perda, choro, gozo,
morte, amor

figura 144

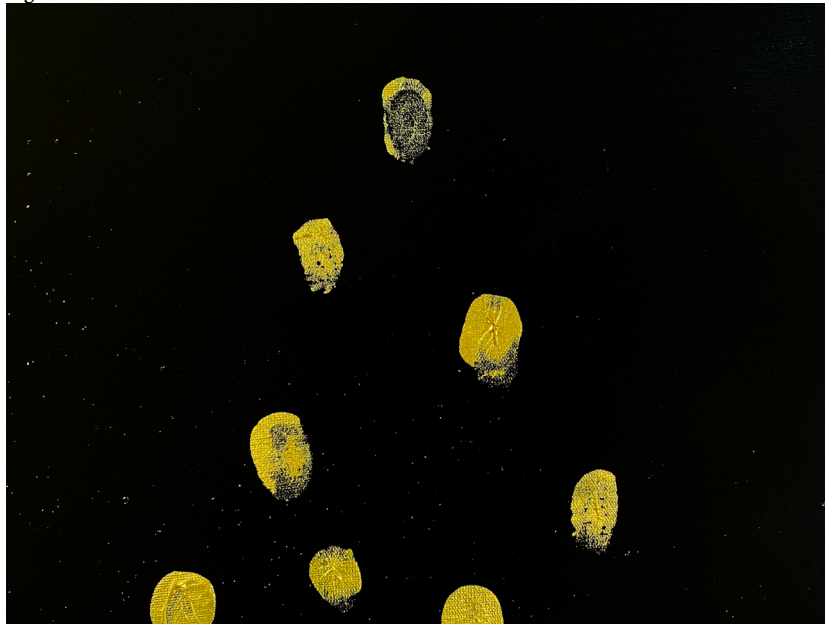
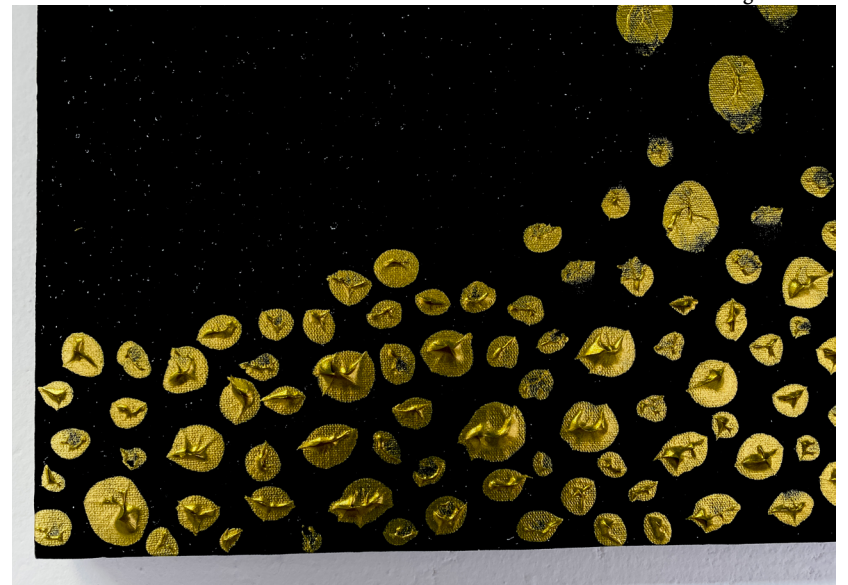


figura 145





A natureza cósmica da vida, do espírito e da organização do mundo são temas recorrentes em minhas produções. Reflito sobre "o que são estrelas" e reinvento na minha esfera pessoal o fascínio humano pelos elementos astrais que já foram símbolos de divindades, referências cartográficas e regentes da vida humana na saúde e na sorte.

Cientificamente, estrelas são o motor de seus sistemas planetários; assim como planetas, cometas, luas e outros corpos celestes que orbitam as estrelas; elas próprias, em nosso caso a Via Láctea, orbitam o centro de nossa galáxia, arrastando todo o sistema consigo.

Em nosso planeta, a luz solar também é um dos motores da vida; a radiação emitida por este astro é, em parte, absorvida pelas formas de vida capazes de realizar fotossíntese para criar seu próprio alimento. Essa energia passa, por meio das teias alimentares, para toda vida na Terra, inclusive ao ser humano.

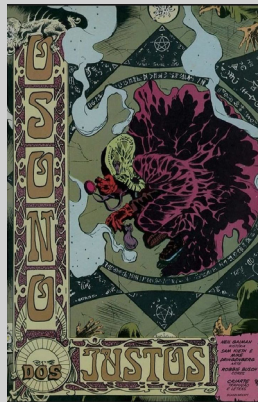
Até então, trouxe o recurso primo para a existência humana na terra, a luz/ energia/ radiação emitida pelo Sol como agente fundamental da vida, mas essa não é a única

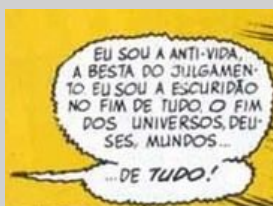
visão que levo comigo para minha vida e meus processos artísticos.

No processo de vida das estrelas é possível ocorrerem as Novas, explosões massivas com capacidade de dizimar todo um sistema planetário.

Sendo um leitor de quadrinhos, ainda adolescente tive contato com a coleção escrita por Neil Gaiman, nomeada de *Sandman*. Morfeus, Sandman, Senhor dos Sonhos, Mestre do Sonhar ou outros nomes correlatos, são atribuídos ao personagem principal da trama. Ele é um perpétuo, ser físico e conceitual da criação do universo que coordena uma parte vital da vida, os sonhos. Dentro da história, o personagem é capturado por humanos e mantido preso por décadas, tempo cronológico que se alinha com as guerras, novas revoluções tecnológicas e de trabalho, sendo sua vida cativa apresentada no decorrer da narrativa como um dos motivos para os grandes distúrbios de sono que surgem na população humana.

Quando seu encarceramento chega ao fim, Morfeus segue em busca de três objetos que





lhe pertenciam, objetos que o empoderaram como senhor de seu domínio e que são parte constituinte de seu ser e essência. Ao partir em busca de seu segundo objeto, uma máscara feita do corpo de um deus morto, descobre que ela reside no inferno, aos cuidados de um demônio. Morfeus viaja até o domínio das almas condenadas e confronta os líderes de lá para reaver seus pertences; desafia o demônio em posse da máscara que, por sua vez, escolhe o jogo da realidade, combate que consiste em dizer palavras que são capazes de anular a outras de forma conceitual e material.

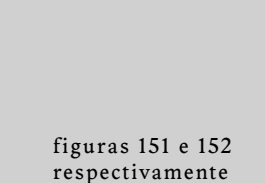
No embate, o demônio se diz lobo que devora a presa, e Morfeus, um caçador a cavalo que abate lobos. O demônio se diz mosca que pica o cavalo e derruba o caçador, Morfeus, aranha devoradora de moscas. O demônio se diz cobra devoradora de aranhas, Morfeus, boi esmagador de cobras. O demônio se diz bactéria destruidora de vidas, Morfeus, um mundo no espaço nutrindo vidas. O demônio se diz uma Nova explodindo e cremendo planetas, Morfeus, universo abraçando todas as coisas, toda a vida. O demônio se diz anti-vida, a besta

do julgamento, a escuridão, o fim de tudo, dos universos, deuses e mundos; Morfeus se diz a esperança. As hordas do inferno se silenciam reconhecendo Morfeus como vencedor.

Essa narrativa me ressoa até os dias atuais como fundamental para entender alguns embates conceituais e políticos que percebo no mundo. O jogo de realidade é um ponto e um contraponto, uma forma de entender os limites das coisas por dominação, assim como o potencial do conceito quando justaposto em comparação/embate.

Percebi a semelhança entre o jogo e meu processo artístico, enquanto procedimento de jogo. Sou afetado pelo mundo e devolvo algo, mas nesse caso não como resposta pronta, mas como questão que engendra algo por vir, um anúncio, uma expectativa, uma esperança de tomar consciência desta mesma questão quando puder ser justaposta ao que a sucederá.

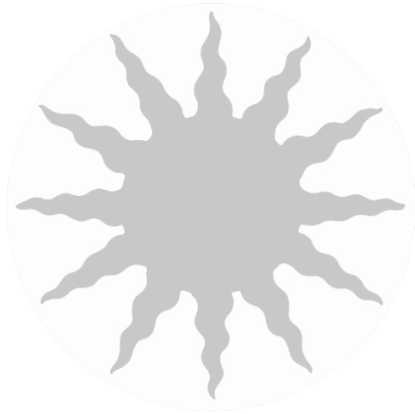
Quando o demônio fala sobre a Nova que crema o planeta que abriga a vida, penso sobre a dualidade potencial de todas as ações. A luz, fonte de vida, também pode ser fonte de destruição, assim como a criação de remédios a partir de pequenas doses de veneno. Fazer



arte e expor questões na matéria artística pode ser uma das formas de elevar o ser humano a um outro estado de entendimento espiritual, uma catarse que coloca fim ao vazamento da potência de vida expropriada pelo inconsciente colonial-capitalístico (Rolnik, 2018).

O que é a vida se não uma granada de mão
Nós somos estilhaços prontos pro abraço
Esperando a hora de explodir no coração

figura 154



3.8 apontamos para o futuro



chassi, poliéster e alfinetes
40 x 50 x 3,5 cm

Em 21 de agosto de 2023, finalizo uma obra chamada “Apontamos para o futuro”, uma assemblagem utilizando um chassi de madeira de 40 x 50 cm pintado de dourado, tecido de voil, alfinetes e papel.

Início a produção do objeto pelo chassi, pintado-o com duas camadas de tinta spray dourada. Em seguida, estico o tecido de voil e o fixo no suporte, então entro com os alfinetes, 21 no total, um vermelho, 15 brancos e cinco amarelos.

Os transpasso pelo tecido, organizando uma forma circular; 17 alfinetes são orientados com a ponta para cima, enquanto os demais divergem na orientação, uma diagonal para baixo e para direita, outro para baixo, outra diagonal para direita e, o último, na horizontal e para a esquerda.

Posicionados os alfinetes, uso um papel de caligrafia japonesa para fixar atrás do chassi; no papel está a inscrição, feita com caneta de tinta cinza claro: “Não sei falar sobre a barreira que me impede de interpretar o mundo. Quero furar a membrana e seguir.”

O início do processo dessa obra se deu em um sonho, onde diversas versões de mim mesmo estavam conversando, mas nenhuma olhava para a outra, nem mesmo o “eu” que as observava. Todas as frases que cada versão minha pronunciava começavam com “você devia”, seguidas de diversas orientações para questões da vida, por exemplo: você devia pedir desculpas; você devia se impor; você devia falar a verdade. Entre todas as vozes, perguntei para uma das versões de mim mesmo, o que elas estavam fazendo, e recebi a resposta: “apontamos para o futuro”.

Ao acordar, pensei alguns dias sobre o sonho que me dizia dezenas de coisas a fazer, e sobre como cada voz se apresentava como um caminho para o futuro. Ao tentar expurgar as dúvidas em minha mente, organizo elementos materiais que remetessem à simbologia daquele sonho.

Primeiro, selecionei o chassi, que me dava a impressão de poder ser uma delimitação do mundo em si, um espaço finito em tamanho e infinito em possibilidades de construção; grande parte dessa visão advém de uma tradição

O mundo explodindo e eu ainda aqui sonhando

da pintura acadêmica que já interpretou a tela como uma janela para realidade. Então, selecionei o tecido de voil, material translúcido que aparenta uma "nebulosidade", dado que me lembrava os cenários oníricos que se apresentavam para mim, como cenas enevoadas que exigiam esforço para serem compreendidas enquanto imagens, uma percepção que entendo ser coletiva.

Escolho o alfinete por ser um material metálico, reflexivo para a luz, com ponta afiada que, na costura, indica o percurso a ser percorrido pela agulha e linha. Também levo em consideração a imagem de alfinetes em mapas, como indicadores de lugar, ponto de partida ou destino, marcadores de início e fim.

Interpreto os mapas como uma versão da trilha de migalhas que, na história popular de João e Maria, os personagens faziam para não se perder; precisamos entender o terreno que estamos e o que vamos percorrer, mas precisamos de um caminho e existe o desejo de guardar essa informação; menos pela ida e mais pela volta.

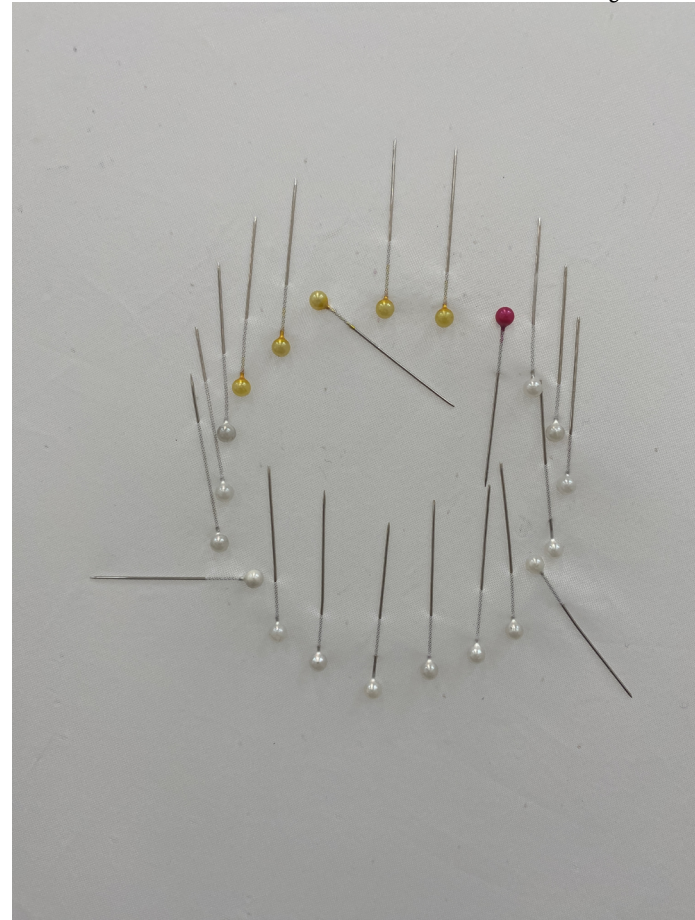
"O correr da vida
embrulha tudo, a vida
é assim: esquentando
e esfria, aperta daí
afrouxa, sossega e depois
desinquieta. O que ela
quer da gente é coragem.
O que Deus quer é ver a
gente aprendendo a ser
capaz de ficar alegre a
mais, no meio da alegria,
e ainda mais alegre ainda
no meio da tristeza!"

Grande Sertão: Veredas

figura 156



figura 157





3.9 para quem está perdido



Ao fim de 2023, inicio a produção de uma pintura sobre uma tela de 40x50 cm. Começo pela aplicação de tinta acrílica branca por toda a superfície do tecido de algodão e, assim que a base seca, aplico camadas de tinta magenta misturada com vermelho em pinceladas uniformes. Uso uma base de encáustica fria, feita de cera de abelha, terebentina e resina damar; misturo com tinta óleo dourada, criando uma massa oleosa e pastosa que aplico na tela com uma espátula de plástico larga. Em seguida, usando um pincel, modela na massa aplicada formas de estrelas alinhadas pela superfície da pintura e crio pequenos sulcos entre algumas estrelas. Finalizo essa etapa em 6 de dezembro. Retomo a pintura em 9 de janeiro de 2024. Com a ajuda de Lu Martins e Mari Tescarollo, companheiras de ateliê na universidade, aplico uma trama de tecido poliéster em parte do quadro, suspensa por um cabo de aço esticado na horizontal. A trama, que foi recortada para cobrir aproximadamente 75% da pintura, possui um corte circular vazado.

figura 158



para quem está perdido
tinta acrílica, encáustica fria, tinta óleo, trama de tecido,
cabo de aço e ajuda
40 x 50 cm (tela) - 60 x 70 cm (montagem)

figura 159



figura 160





3.10 outro mapas



Em 4 de março de 2024, dou por finalizada uma exploração em pintura que me surgiu a partir de um sonho. Crio uma tela branca, de 40x50 cm, com o verso pintado em dourado e faço diversas incisões no tecido, organizadas em três fileiras.

No sonho, estava sentado em uma praia e via o sol nascer, um sol preto e dourado que iluminava as areias que se pareciam com cinzas. A estrela rompia o horizonte rasgando-o e deformando a paisagem ao subir. Pessoas levantavam da areia de cinzas e peixes pulavam do mar, rasgando a superfície do chão e das águas da mesma forma que o sol.

Lembrando da paisagem onírica que vivenciei, fiz o seguinte questionamento: e se todas as superfícies fossem rompidas? O que teria por baixo? O que sobraria do rasgo?

figura 161



Com tais perguntas em mente, parti para uma primeira exploração que não me satisfez; havia uma desordem nos rasgos, um padrão que era caótico, e estava entendendo do que sentia falta na composição; então sigo no processo criando uma segunda tela. No chassi de 30x40 cm, estico um tecido de algodão cru e aplico tinta acrílica branca e faço um molde circular no centro da tela, onde aplico grossas camadas de tinta branca. Depois, pinto parte da superfície branca com tinta óleo prateada. No verso da tela, passo uma base de tinta acrílica branca seguida por tinta de base acrílica vermelha. Após a secagem, aplico camadas finas de tinta de base acrílica dourada no tecido e no verso do chassi.

Voltando para a frente da obra, faço cortes em formas geométricas na área coberta de tinta prateada e prendo o tecido sobressalente com pequenos anzóis dourados, dando a ver o verso da tela. Ao longo do processo de cortes, aumento o tamanho das formas e deixo as linhas mais orgânicas.

Após dar por acabado o processo das pinturas, volto a elas com outro olhar, ainda me recordando do sonho. Removo os dois tecidos

pintados do chassi para reaproveitá-lo e neste momento percebo que volto a romper outra superfície que dá a forma a tela pintada, como no sonho, onde se rompe a forma do mundo. Opto por deixar o lado dourado do primeiro experimento a vista, enquanto o do segundo mantém sua “frente” mas perde os anzóis que seguravam seu verso exposto.

Em conversas e interações rotineiras no ateliê coletivo 509, ouço o comentário de Lu Martins sobre retirar o tecido do chassi; “algo aconteceu” ela diz ao fazer um gesto expansivo com as duas mãos, “ela ganhou outra forma”. No momento que ouço isso, concordo com ela, mas ainda não sabia do que se tratava esta forma.

figura 162



figura 163



figura 164

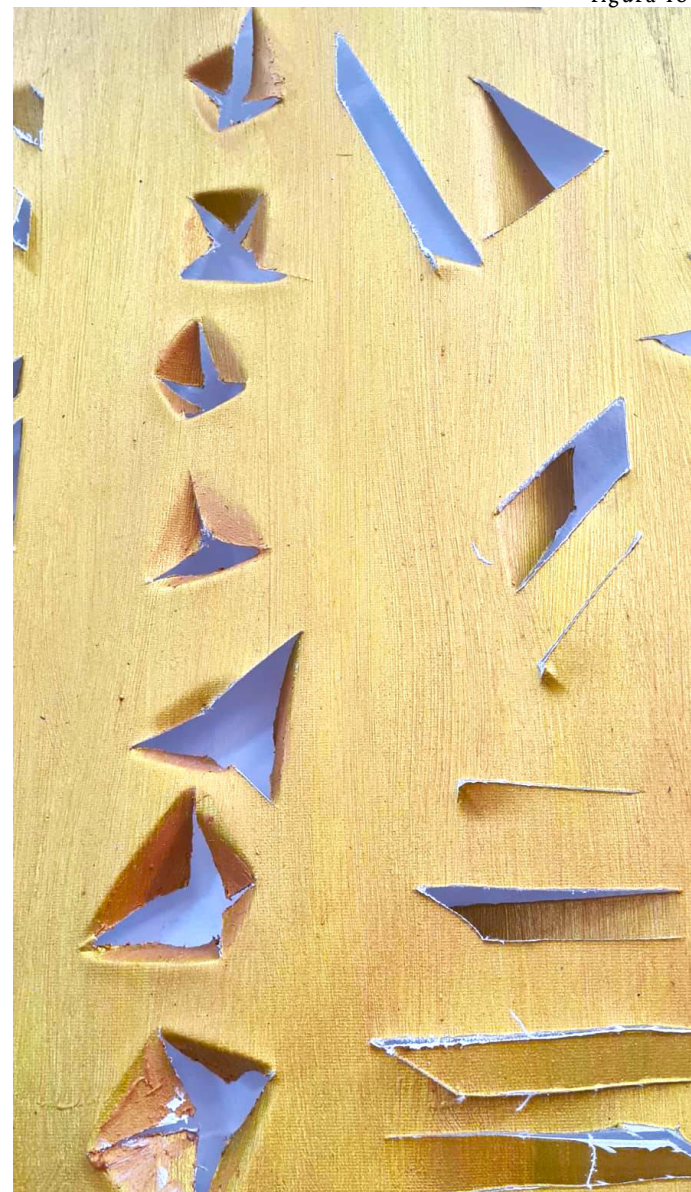
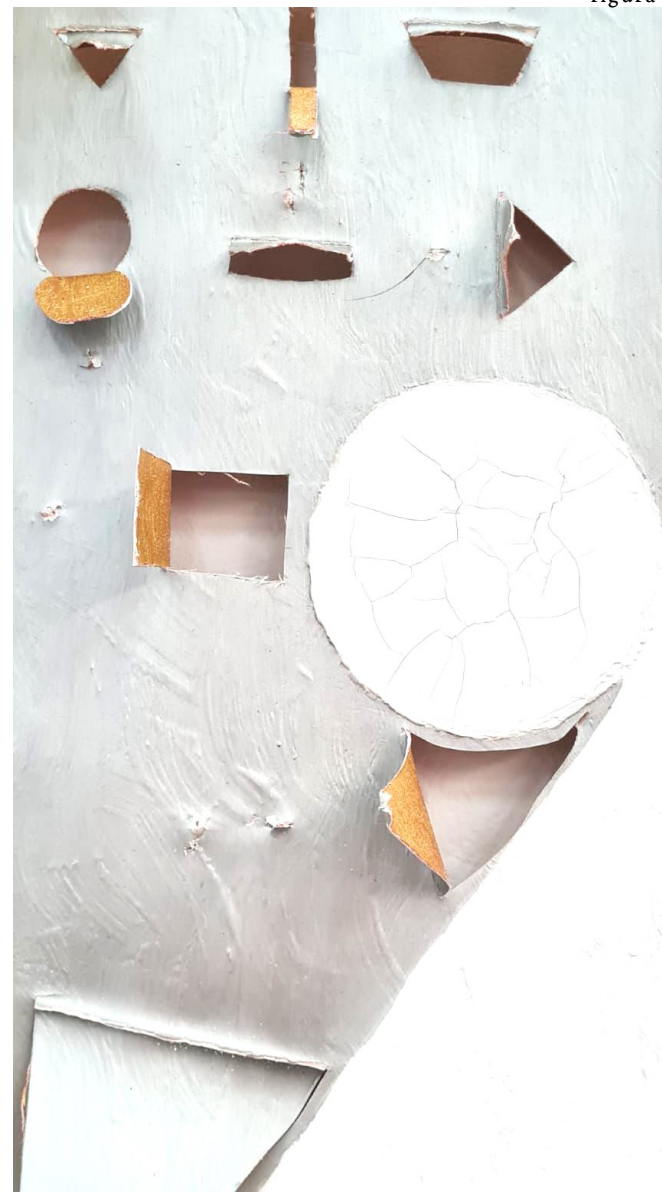


figura 165



figura 166



Por alguns dias observei as pinturas, percebi os vincos no tecido que antes estavam escondidos, o craquelamento da pintura decorrente da maleabilidade natural do algodão, as pontas superiores caindo, como quem apenas quer ser tecido novamente.

Como o tecido pintado, agora liberto do chassi, estabeleço um paralelo com momentos em que me vi apresentando um lado de mim e velando outras superfícies que se impõem relevantes. Me percebi absorvendo e performando socialmente parte de mim que não serviam ao todo, mas eram significativas na superfície das relações cotidianas e se faziam presentes para que fosse percebido no mundo; meras ilusões de quem realmente sou.

Aqui, começo a introduzir um outro assunto. O mundo em seu estado atual, circunscrito em relações dadas pela política neoliberal que estabelece domínio sobre todos os corpos (Greiner, 2023). O corpo humano dissidente, seja de gênero, raça, sexualidade e nacionalidade (entre outros) é condicionado a aparentar outra coisa.

Ao longo de minhas experiências, percebo como essa atuação tem se colocado sobre meu corpo e outros corpos com os quais me relaciono. Uma pessoa trans, deve aparentar ser cis. Um negro, deve “se comportar como branco”. Um migrante nordestino, para trabalhar em um escritório ou outro ambiente corporativo, deve deixar de lado ao máximo seu sotaque e linguajar.

Essas e outras tantas violências relatadas ocorrem rotineiramente, dão a ver que se espera sempre a ilusão das coisas, não vê-las como realmente são. Se o mundo está sempre criando as orientações para como criar essa ilusão, para que ela realmente serve? Confesso ainda não ter encontrado uma resposta definitiva, mas me leva a matutar sobre as relações presentes no mundo contemporâneo para o controle das



aparências.

Fazendo uma digressão, trago agora uma reflexão que tive contato vendo vídeos das aulas de economia, ministradas pela professora Maria da Conceição Tavares, portuguesa naturalizada brasileira, que foi professora e deputada muito respeitada por aqueles que tinham uma visão política e econômica voltada para o benefício do povo. Transcrevo aqui o trecho da aula que me chamou a atenção:

Então ser cidadão americano quer dizer ter dois símbolos de mercado: uma carteira de automóvel e um cartão de crédito, não existe carteira de identidade como o professor ali viu.

Você pega o teu cartão de crédito, a tua carteira de dirigir e com isso você se identifica e anda livre por aquela porra daquele espaço.

Ora não há nenhuma civilização no mundo que identifique um cidadão pelo cartão de crédito e pela carteira de dirigir. Você não é cidadão nem aqui nem na quinta da mãe, é um consumidor, em resumo é um consumidor.

Trata-se de um vasto mercado transnacional com uma super estrutura política, que já deu o que tinha a dar, e que agora tá complicado, porque como é que eu legitimo a liberdade econômica e

a liberdade política em condições que não tem liberdade econômica nenhuma, tem protecionismo, tem lobby, tem o caceta e que a liberdade política no fundo é, 'são todos iguais perante a lei mas a lei não se aplica igual em cada região'. (Economia, 1992)

Estabelecer uma ponte entre essa fala da professora e a discussão de controle dos corpos e cidadania, pode parecer improvável de início, mas ao analisar como as duas coisas se dão, podemos encontrar o ponto de união entre elas. Destaco aqui duas coisas na fala de Maria da Conceição Tavares: a primeira, sobre ser um consumidor ao invés de cidadão e, a segunda, ser um consumidor/cidadão sem liberdade política de fato. Em um primeiro momento, podemos ainda usar a fala da professora sobre a aplicação da lei e concluir que: se a lei é igual a todos e não se aplica a todos, dependendo de onde se encontra geograficamente, então existe um marcador social operando em como o direito é aplicado a cada pessoa.

Os marcadores sociais de região são, nesse exemplo, a demonstração de controle corporal a partir do lugar e, seguindo a mesma lógica, ao cidadão/consumidor se pode aplicar os direitos

Tem dias que a gente se sente
Como quem partiu ou morreu
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo então que cresceu
A gente quer ter voz ativa
No nosso destino mandar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega o destino pra lá
Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

na mesma medida em que se é considerado consumidor. Sem consumo, sem cidadania, sem direitos.

No mundo produtivista atual, o sujeito se encontra sempre cercado pelos parâmetros neoliberais de ativação (Greiner, 2023) que são, entre outros, a capacidade de consumo e a manutenção do regime produtivista.

Aos corpos que não são consumidores e se negam a essa experiência de vida humana achatada, se renega o direito de existir enquanto cidadão como uma retaliação à fuga dos moldes coloniais. Quem não colabora na manutenção do sistema comercial, não gera filhos biológicos, logo não cria mão de obra e nem mercado, devem ser cerceados e marginalizados, ao mesmo tempo em que são alvos de exploração comercial, para que antes de seu fim, sejam ativos economicamente; Na publicidade um discurso de inclusão e respeito a minorias é adotado, mas quando os interesses para perpetuar a hegemonia do sistema vigente perdem protagonismo, se inflam os discursos conservadores e religiosos que sempre se relacionam a agenda neoliberal.

Os atos de rasgar as telas, de ver o que existe por baixo das “aparências” e “ilusões” revela uma forma de buscar ver e libertar a verdade que se tenta, por muitas vezes e de forma inconsciente, esconder ou tirar da vista, formas de garantir alguma segurança e respeito social. Dar a ver o que se tenta esconder é como Christine Greiner afirma:

Ao testar a dor a partir de uma espécie de despossessão - ou seja, quando a dor deixa de ser apenas individual e se torna compartilhada -, os processos de criação instauram a possibilidade de tornar visível a gênese da dor como resistência política: um querer viver e não deixar morrer. (Greiner, 2023)

Me lembro da artista Ana Mendieta quando ela mesma conta sobre seu sentimento em relação a própria produção e sua mudança de país:

Acredito que isso tenha sido resultado de ter sido arrancada de minha terra natal (Cuba) durante minha adolescência. Estou dominada pela sensação de ter sido expulsa do ventre (da natureza). Minha arte é a forma como reestabeleço os laços que me unem ao universo. (Mendieta; Trizoli, 2024)

We're erasing lines on our unholy faces
♪
We eat our souls and don't bother to replace them

“...Eu sou o caminho, a verdade e a vida.”

João 14:16

chão, de sair
Para fora de todas as
casas, de todas as lógicas
e de todas as sacadas,
E ir ser selvagem para
a morte entre árvores e
esquecimentos

...

Álvaro de Campos

A rede do meu destino
Parece a de um pescador
Quando retorna vazia
Vem carregada de dor
Vivo num redemoinho
Deus bem sabe o que ele faz
A onda que me carrega
Ela mesma é quem me traz
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar

Não sei sentir, não sei ser humano, conviver
De dentro da alma triste com os homens meus irmãos na terra.
Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser cotidiano, nítido
...
Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo, Mas tudo ou sobrou ou foi pouco – não sei qual – e eu sofri.
Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos, E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.
Amei e odiei como toda gente, Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo, E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo
...
Não sei se a vida é pouco ou demais para mim. Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
...
Seja o que for, era melhor não ter nascido, Porque, de tão interessante que é a todos os momentos, A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger, A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no

04. notas últimas



Em 2019 me inscrevo no vestibular para o curso de artes visuais no IA-UNESP, um segredo que não contei para ninguém até o dia em que fui aprovado, em 2020. Início a vida universitária em artes de forma tímida, que causou uma resistência interna na interação com o grupo da minha sala e com outras pessoas na faculdade. A resistência foi vencida com muita dificuldade, surgiram oportunidades de aproximação com pessoas queridas que ocupam, até hoje, um espaço em meu coração e pensamentos. Estudei muito e me dediquei para absorver e experienciar todas as chances de aprender que me apareceram.

Em agosto de 2023, tive a oportunidade de ingressar na residência L.O.T.E., espaço que me permitiu trabalhar e desenvolver minha pesquisa poética em uma dimensão que ainda não esperava acontecer. Passei, também, por desafios no ambiente de trabalho compartilhado que me mostraram que ainda existe um grande caminho a percorrer na conquista de espaço na universidade e na legitimação de pessoas fora do padrão hegemônico de artista.

Em uma tentativa de me desvencilhar de

estigmas impostos, crio lambes com a frase “você está aqui”; talvez, como um mantra que queria repetir ou como uma afirmação para o subconsciente ou, até mesmo, uma forma compartilhada de afirmações; colo os lambes pelo campus da universidade, marcando o território com tal fato, eu estou lá.

"Você, além de esconder
o que se chama alma,
tem vergonha de ter um
corpo."

*Uma aprendizagem ou o
livro dos prazeres*

figura 172



você está aqui
lambe em serigrafia

figura 173



figura 174

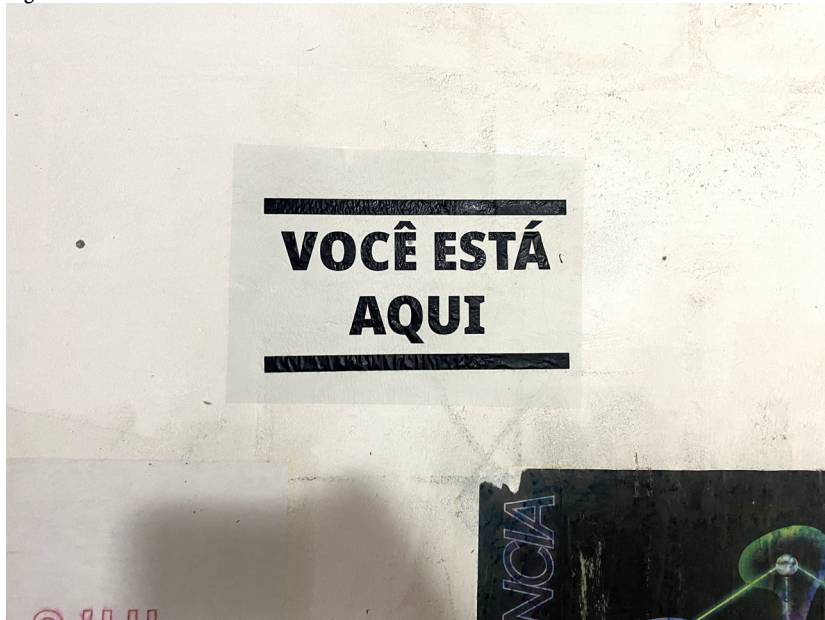


figura 175

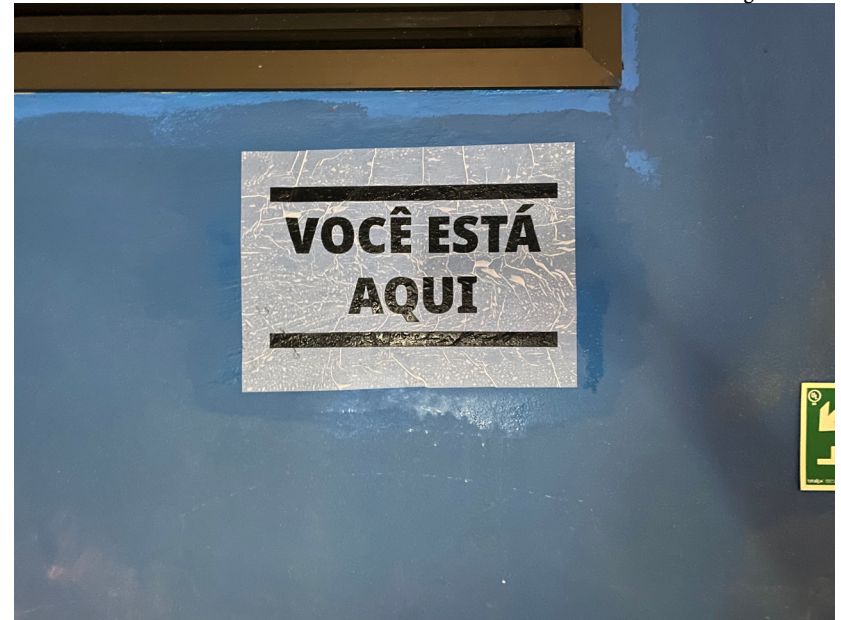
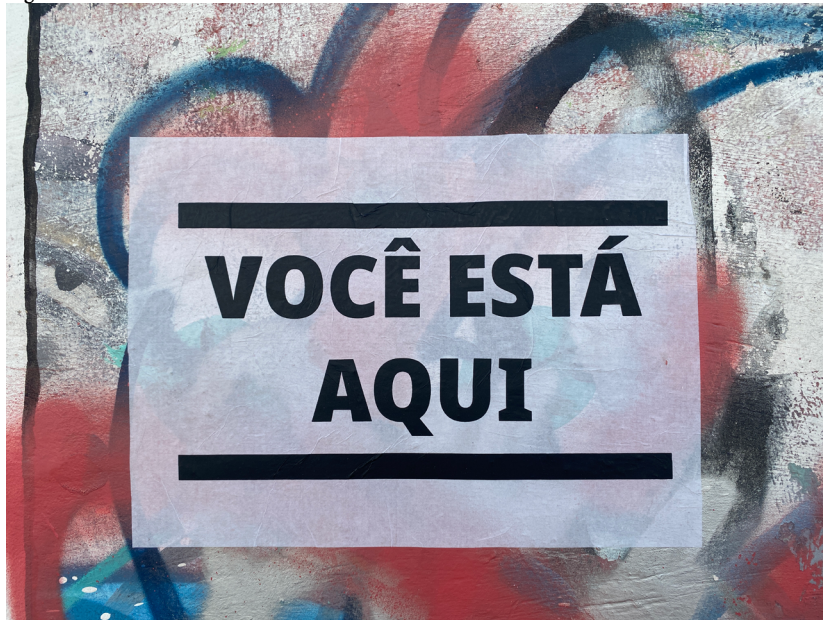


figura 176



Em 15 de junho de 2024, finalizo uma obra que considero, ao mesmo tempo, pintura e assemblagem. Uso um chassi de 30x40 cm com algodão cru esticado e aplico uma base de tinta acrílica branca, depois uma camada com tinta de base acrílica

azul e preta, sobrepostas por uma base de encáustica fria azul. Pequenos círculos se formam na tela, feitos a partir da extração da encáustica, que também gerou ranhuras por toda a imagem.

No quadrante superior esquerdo, faço duas incisões no tecido que revelam o avesso dourado da tela em quatro tiras triangulares. Um tecido com trama retangular de poliéster preto é posicionado no centro e fixado com alfinetes azuis na tela. Um único alfinete amarelo é, então, aplicado sobre o rasgo da tela. No canto inferior direito, há três cortes na tela que se reconstituem presos por alfinetes de segurança dourados.

figura 177



sem título
tinta de base acrílica, tinta óleo, encáustica fria, trama
de poliéster e anfinetes
30 x 40 x 5 cm aprox

figura 178

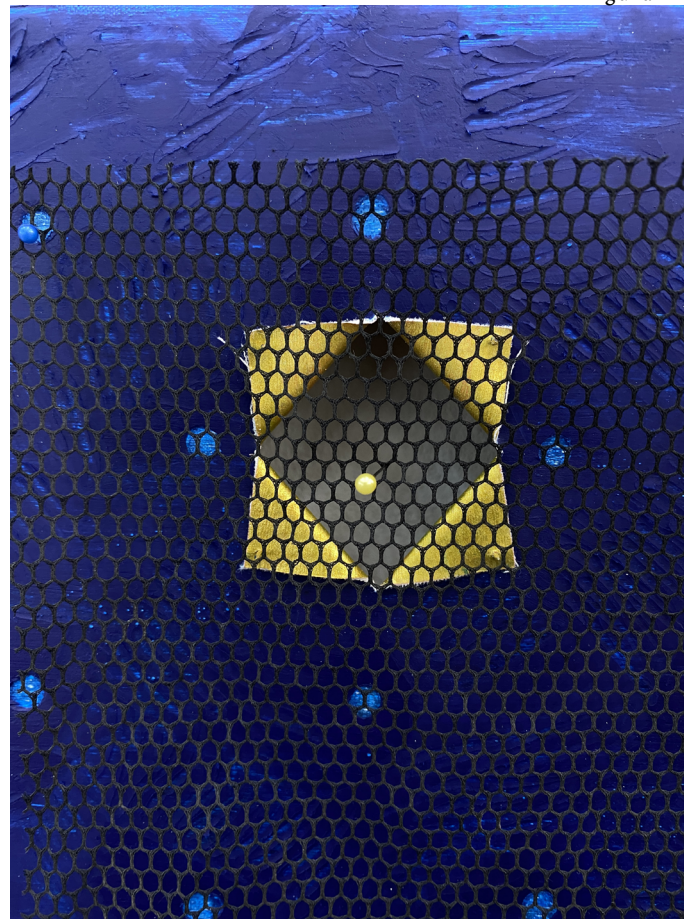
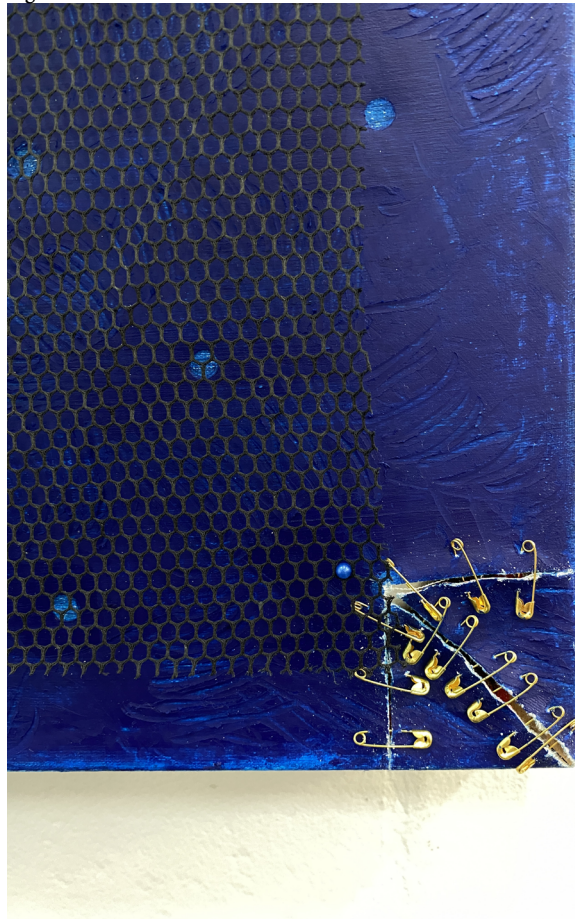


figura 179



Em 14 de agosto de 2024, finalizo a obra que dei o nome de *When you awake inside*, pelo único motivo de estar ouvindo essa frase em uma música; tenho o costume de ouvir música em loop por longos períodos de tempo e ouvi a canção O velho e o mar, do artista Rubel, durante todo o processo de finalização da obra. Uma música que se relaciona com o livro de mesmo título escrito por Ernest Hemingway, que, como na frase que se repete na música, o personagem principal, um homem de idade avançada, pescador que luta por muito tempo na pesca de um grande peixe, tem um acordar para dentro, um despertar interior.

Minha obra é um chassi de madeira de 30x30 centímetros pintado com encáustica fria dourada. Na frente e na lateral há uma malha de poliéster preto, e na parte de trás uma malha de mesmo material e dourada; elas são unidas por tachas e alfinetes de segurança dourados. Dezesseis giradores de pesca estão fixados na malha traseira, sendo três deles atrelados a linhas de pesca transparente. Na outra extremidade da linha há anzóis dourados que

se agarram à malha frontal.

figura 180



when you awake inside

tinta de base acrílica, poliéster, nylon, anzol, girador,
tarraxa, alfinete de segurança e cansaço

30 x 30 x 3,5 cm

figura 181



figura 182

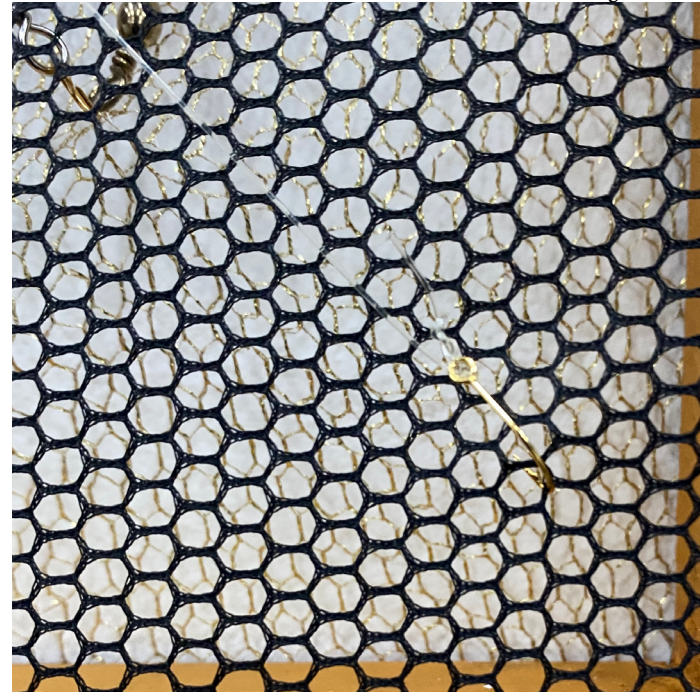
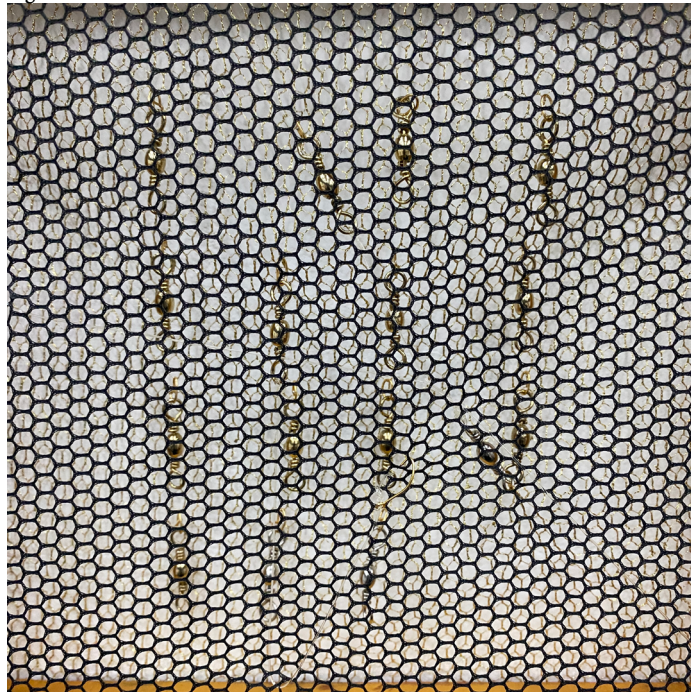


figura 183



Em 19 de agosto de 2024 finalizo uma obra que não tem título. Em um chassi de 30x30 centímetros estico um tecido de algodão e o preparo com base acrílica transparente. Aplico com uma espátula encáustica fria misturada com tinta óleo preta na tela e crio ranhuras pela camada. Posiciono 49 tachinhas douradas e polidas em 7 linhas e 7 colunas.

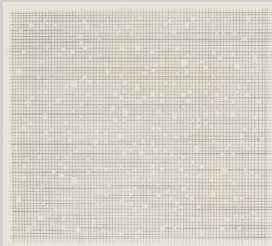


figura 185

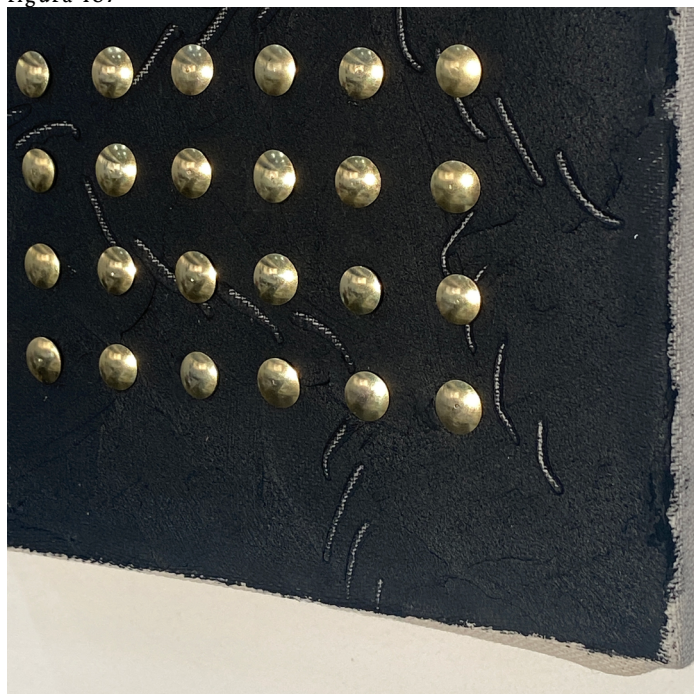


sem título
base acrílica, cera de abelha, tinta óleo e 49 tarraxas
sobre algodão e chassi de madeira
30 x 30 x 5 cm aprox

figura 186

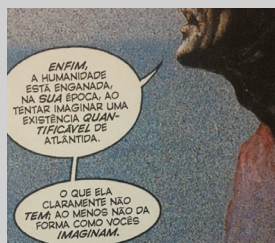


figura 187



05. notas de desenlace





Escrevo em 26 de agosto de 2024. Em um dia como hoje, 26 de agosto de 1975, Clarice Lispector estava na Colômbia, no primeiro congresso mundial de bruxaria. Lá ela faz um apelo ao público de que não ouçam o que ela tem a dizer de forma racional, pois ao tentar racionalizar, tudo o que seria dito escaparia ao entendimento.

Clarice diz:

Eu tenho pouco a dizer sobre magia. Na verdade, eu acho que nosso contato com o sobrenatural deve ser feito em silêncio e numa profunda meditação solitária. A inspiração, em todas as formas de arte, tem um toque de magia porque a criação é uma coisa absolutamente inexplicável. Ninguém sabe nada a propósito dela. Não creio que a inspiração venha de fora para dentro, de forças sobrenaturais.

Suponho que ela emerge do mais profundo 'eu' de uma pessoa, do mais profundo inconsciente individual, coletivo e cósmico. (Stiger, 2024)

Um dia em que estava muito emocionado com a arte e com a vida de artista, voltava para casa a noite e dentro do ônibus, no trânsito, escrevo:

Artista é a mais angustiante das existências, sua presença no mundo só percorre dor e desespero. É quem nunca pode estar satisfeito por completo; mentes que sempre buscam algo sem saber o que esse algo é (sem jamais saber). A realidade como é não os contempla. Se desesperam por o mundo não ser o suficiente. Vive tentando preencher faltas. Cria e cria, e só vive para criar.

Artista é o mais afortunado dos seres, sua existência se aproxima da divina. É quem é capaz da criação, de trazer ao mundo algo novo.

É quem pode destrinchar os pensamentos humanos, perceber padrões, brechas, criar verdades e mentiras.

Veem tudo que é possível existir na distância de apenas algumas ações. Seleciona o que deve ou não incorporar a realidade.

São Paulo, 7 de abril de 2024

Jurei mentiras e sigo sozinho
Assumo os pecados
Os ventos do norte não movem moinhos
E o que me resta é só um gemido
Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa
Rompi tratados, traí os ritos
Quebrei a lança, lancei no espaço
Um grito, um desabafo
E o que me importa é não estar vencido
Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos
Meu sangue latino
Minh'alma cativa

A primeira vez que li o conto O ovo e a galinha foi no Ensino Fundamental, estava na sétima ou oitava série e fiz um exercício de reescrita do conto. Até hoje, não sei o porquê de ter tirado nota máxima e o elogio feito pela professora “parabéns, excelente reescrita”.

No congresso de bruxaria Clarice lia o conto O ovo e a galinha, mas no dia pediu que fosse lido por seu intérprete.

Ela iria ouvir a história que nas palavras dela “que é misterioso mesmo para mim mesma e tem uma simbologia secreta”. Penso se isso não é o papel do artista, colocar no mundo a obra, para que sendo vista, possa vir ao entendimento a parcela que sempre escapa para o artista.

Me lembro de ter demorado muito a finalizar a leitura de "Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres". Nessa história a dinâmica entre Lóri e Ulisses me afetava muito. Não me sentia Lóri em nenhum cenário da vida, e nem havia um Ulisses encarnado no meu cotidiano; mas ao mesmo tempo eu era Lóri e havia um Ulisses. Lóri era perdida em como acreditava que o

mundo e as relações entre pessoas deveriam funcionar, e Ulisses como um conselheiro estava sempre disposto a dissuadi-la e orientá-la a uma outra forma de encarar a vida.

O primeiro pensamento que tive nesta leitura era de que Clarice conseguia, em ficções, falar verdades, revelações, desvelando ao consciente as coisas mais íntimas e veladas das interações humanas.

Acredito que, ao se conectar com questões essenciais da existência humana, ela fazia magia.

Em entrevista Clarisse diz:

Quando estou me comunicando com um adulto, eu estou me comunicando com o mais secreto de mim mesma, aí é difícil. (Panorama, 1977)

Creio que estar em contato com o mais secreto de si é, em certa medida, estar em contato com o mais secreto de todas as pessoas. Minha experiência com a arte me faz perceber que dentro da cosmovisão do mundo, que é particular para cada indivíduo, é possível encontrar relações, correspondências e tangentes com o

universo pessoal de muitas outras pessoas.

Em entrevista Clarisse diz:

Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada.

O entrevistador pergunta:

Então por que continuar escrevendo.

Ela responde:

E eu sei? Porque no fundo a gente não tá querendo alterar as coisas, a gente tá querendo desabrochar de um modo ou de outro.

Exerço a magia da criação na esperança de que trazendo ao mundo material a arte, haja uma forma de eu mesmo entender as questões que não entendo a partir da coexistência eu-obra-espectador.

Caso não o faça, me coloco em uma posição solitária.

Se a criação, a magia, é também o que ajuda a encadear pensamentos, ou expor tensões para que possam ser percebidas, então a magia/arte, em sua gama não calculável de possibilidades, pode ser também o que nos deixa perto, nos aproxima como humanos; um mapa para ver

as distâncias e a ferramenta de viajar para diminuí-las.

Tadaskia diz:

Arte é o modo sensível de viver/vivenciar/ festejar a existência. (Em Obras, 2023)

Na obra de anime Neo Genesis Evangelion, Shinji Ikari é o personagem principal; um adolescente cuja mãe já faleceu e o pai é distante e essas condições são apresentadas como uma das causas de o jovem ter dificuldades em se conectar com outras pessoas e se isolar emocionalmente. Dentro de um enredo cheio de mitologia bíblica, ficção científica e questões filosóficas sobre o relacionamento humano, nós acompanhamos a jornada de Shinji de forma muito íntima até que chega o momento do jovem, que não via sentido na própria existência, responder para si mesmo “eu, como indivíduo, tenho valor?” e com a resposta, decidir o destino de toda humanidade em duas opções: ou todas as pessoas perdem a forma física individual e se tornam uma consciência coletiva, ou todas as pessoas estarão separadas para sempre.

No questionamento que o garoto faz ele mesmo

Imagina a nossa terra
Reluzindo o que tem de mais profundo
Imagina o nosso povo todo se
entendendo
Em coros, cantos, ó que sorte
Jorge, eu já perdi meu tempo
Encarando o próprio espelho
Medindo amor, contando like
Quivindo os outros, tendo frio e tendo
medo

conclui que só pode existir um “eu” em relação a um “outro” e dá a escolha para cada pessoa decidir seu caminho entre as duas opções disponíveis. Ele próprio opta por se manter humano e manter sua individualidade; encontra coragem para amadurecer, desabrochar, e enfrentar a vida no plano material, sujeito a rejeição, dor, sofrimento, luto, mas também as alegrias mundanas. Shinji encontra coragem para afetar e ser afetado.

Estar no mundo é ter que lidar com sua realidade, com sua verdade material. Hilma af Klint diz:

“Sou tão pequena, sou tão insignificante, mas dentro de mim, transborda uma espécie de força que tem que seguir em frente. [...] A vida é uma farsa se uma pessoa não serve a verdade”. (Pinacoteca, 2018, p. 151)

Quando percebemos a verdade sobre como se dá o mundo em que vivemos, o que se pode fazer é encará-lo de forma ética.

Creio que é uma das coisas que Suely Rolnik nos alerta ao falar sobre o esvaziamento que o inconsciente colonial-capitalístico gera

ao se implantar na produção e execução de nossa subjetividade, desviando-a de seu desenvolvimento livre e das potências de vida que guiam para seu destino ético.

Em *Esferas da Insurreição*, Suely Rolnik, finaliza com “Dez sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente” e chamo atenção aqui para a sugestão 9 e 10, as que acredito estarem intimamente ligadas à criação e experiência dentro da realidade, de uma forma onde a verdade e o desenvolvimento natural das forças vitais humanas rumam.

9. Não negociar o inegociável: tudo aquilo que obstaculiza a afirmação da vida, em sua essência de potência de criação. Aprender a distingui-lo do negociável: tudo aquilo que se poderia aceitar e reajustar porque não debilita a força vital instituinte, mas, ao contrário, gera as condições objetivas para que se produza um acontecimento, cumprindo-se assim seu destino ético;

10. Praticar o pensamento em sua plena função: indissociavelmente ética, estética, política, crítica e clínica. Isto é, reimaginar o mundo em cada gesto, palavra, relação com o outro (humano e não humano), modo de existir – toda vez que a vida assim o exigir. (Rolnik, 2018, p. 197)

Trabalhar para que se realize o pleno caminho

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer, quero viver

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno

das forças vitais é como vejo que uma pessoa que “serve a verdade”, como Hilma nos diz, escapa da farsa de vida instituída pelo sistema colonial-capitalístico.

Paul B. Preciado diz que os textos de Suely são “como um oráculo que nos fala de nosso próprio futuro mutilado.”

Meu processo, que inclui o próprio momento de escrita do presente Trabalho de Conclusão de Curso, não se finda aqui. O desenvolvimento acontece concomitante à própria vida.

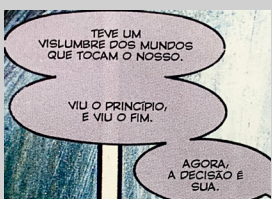
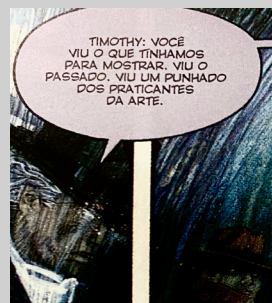
A palavra moira tem o sentido originalmente espacial. É o sentido do próprio espaço, a província, jurisdição, paróquia, o território que uma pessoa pode ocupar. Quando estende sua vida até o fim, ela como que abriu no espaço tudo o que podia ser. Por isso, numa segunda acepção da palavra, o “destino” fica sendo ligado ao “fim”; a pessoa chega ao seu limite, que se identifica com a morte. Só com sua morte é que o espaço de vida mostrou-se todo qual era. A vida é a conquista de um espaço que vai se ampliando e que com a morte ganha sua configuração final. Então, moira, destino, é aquele mapeamento, a

sua sesmaria, o lote que cada um ocupou. (Ostrower, 2013, p. 27)

Com o caminho percorrido em minha graduação em Bacharelado em Artes Visuais, chego ao final do curso, sua conclusão, a morte do espaço que ocupo enquanto graduando.

No tarot a morte não significa o fim definitivo, e sim um recomeço, o abandono de antigas estruturas para que se possa seguir em frente, um desprendimento, um desatar de nós, um corte de laços, é onde se abre espaço para outra forma de trilhar a jornada do herói.

A conclusão do curso não esgota as produções ou as pesquisas, pelo contrário, a morte, nesse caso, é o prenúncio de outras produções, novas possibilidades de estudo e pesquisa, de outros caminhos para a vida.





referências

CLARICE Lispector 1976 [por] TV Educativa. [S.l.] 1977. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal do Arquivo Nacional. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJx58X2Zo9k>. Acesso em: 15 set. 2024.

COSTA, Luís Cláudio da. A singularidade da pesquisa em artes na universidade. *In*: DE CASTRO, Maurício Barros (org.). **Arte e cultura: ensaios**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

DU BOIS, William Edward Burghardt; HARTMAN, Saidiya. **O cometa; O fim da supremacia branca**. São Paulo: Fósforo, 2021.

ECONOMIA Política Maria da Conceição Tavares 12 [por] Instituto de Economia da UNICAMP. Campinas, 11 ago. 1992. 1 vídeo (120 min). Publicado pelo canal do Instituto de Economia da UNICAMP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hGGI4ObbaKs>. Acesso em: 15 set. 2024.

EM OBRAS ep. 2 Tadáskia. [São Paulo]: Fundação Bienal de São Paulo, 12 dez. 2023. *Podcast*. Disponível

em: <https://35.bienal.org.br/podcasts/tadaskia/>. Acesso em: 15 set. 2023.

GREINER, Christine. **Corpos Crip**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JUGLAIR, Betina; ALMEIDA, Helena.

Habitar a si: Helena Almeida, performance e fotografia. Revista Zum, São Paulo, 13 set. 2023. Disponível em: <https://revistazum.com.br/ensaios/habitar-a-si-helena-almeida-performance-e-fotografia/>. Acesso em: 15 set. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** - Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro Editora Cobogó, 2019.

MAGALHÃES, Raquel. Cor e Colagem. *In*: GIANNOTTI, Marco (org.). **Reflexões sobre a cor**. São

Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MENDIETA, Ana; TRIZOLI, Talita. Ana Mendieta: corta-se uma árvore, ficam as raízes. **Revista Zum**, São Paulo, 19 jan. 2024. Disponível em: <https://revistazum.com.br/exposicoes/ana-mendieta-corta-se-uma-arvore-ficam-as-raizes/>. Acesso em: 15 set. 2024.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1996.

PANORAMA com Clarice Lispector [por] Fundação Padre Anchieta. São Paulo, 1 fev. 1977. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal da TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1l2EVnU&t=422s>. Acesso em: 15 set. 2024.

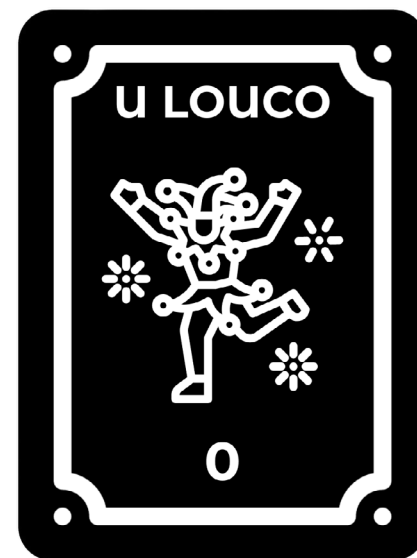
PINACOTECA DO ESTADO (SP); **Hilma af Klint**:
Mundos Possíveis. São Paulo: Pinacoteca do Estado.
2018. Catálogo de exposição.

RANCIÈRE, Jacques. **Tempos Modernos**: Arte, tempo,
política. São Paulo: n-1 edições, 2021.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para
uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SILVA, Denise Ferreira da; DESIDERI, Valentina.
Leitura (Po)éticas. *In*: **Cadernos de Subjetividade**
n. 19, São Paulo, 4 ago. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38145/25879>. Acesso em: 15 set. 2024.

STIGER, Veronica. "**Eu, bruxa?**". Site Clarice
Lispector, 27 maio 2024. Disponível em: <https://site.claricelispector.ims.com.br/2024/05/27/eu-bruxa/>.
Acesso em: 15 set. 2024.



Não tive paciência de esperar para escrever e acabei mandando um áudio hoje mais cedo e queimei a largada com a novidade do dia.

Quando fui olhar o site foi porque a Marina havia me perguntado se não era hoje o dia em que saía o resultado da UNESP. Nessa hora caiu a ficha de que era realmente o dia (tava explicada minha ansiedade que eu não sabia o motivo), tentei não deixar levar pela ansiedade mas ela já tinha sido rápida demais.

Olhei o resultado umas 10 e pouco da manhã, e ali mesmo já fiquei quieto e chorei na frente do computador e alguns colegas vieram me abraçar quando entenderam do que se tratava, por sorte minha chefe só chegaria tarde e teria tempo de me recompor.

Alguns minutos depois mandei uma mensagem para minha irmã que na hora me respondeu com uma figurinha da Andressa Urach, aquela que te encaminhei depois. Mandeí mensagem para minha mãe também, que respondeu com emojis comemorando e no minuto seguinte, recebo a mensagem sobre a matrícula virtual.

Fomos almoçar as 11h como sempre, para poder acompanhar Marina e foi nessa

hora que te mandei o áudio...

Depois disso fiquei morrendo de preocupação sobre conseguir manter o emprego pois o curso é manhã e tarde e preciso conversar com a Fernanda sobre os horários e torcer para dar certo, torce por mim você também. (até agora ela disse para eu ficar tranquilo que vamos dar um jeito)

Daqui uns dias sai o resultado do sisu também e se eu passar em letras será que não deveria investir na área? Talvez consiga algum estágio aqui ou até CLT quem sabe.

Comentei com a Samara sobre essa questão e ela disse que eu não deveria fazer isso, que devia aproveitar a oportunidade de tentar o que gosto, que poucas pessoas têm essa chance na vida. O que você acha? Quando ela falou isso eu me senti muito bobo por não conseguir aproveitar a felicidade e muito rápido já arrumar desculpa para me preocupar e duvidar de tudo.

Se tudo der certo em breve devo ter que comprar materiais para as aulas, quer ir comigo?

São Paulo, 27 de Janeiro de 2020.

Fez sol

MENSAGENS há 2m
279-00
Unesp 2020: Parabéns! Você foi convocado para Matrícula Virtual Unesp, de 27 e 28/01 - 18h. Informações no Manual do Candidato (pag 22 a 25). www.unesp.com.br.

p. 13



figura 1 - vista da exposição
*Millôr: obra gráfica no Instituto
Moreira Sales*

do autor, 2019

p. 26



figuras 2 a 5 - trechos da HQ
Os Livros da Magia, de Neil
Gaiman

Panini books, 2019



p. 27



figura 6 - vista da exposição *Hilma af
Kilnt: Mundos Possíveis* na Pinacoteca do
Estado de São Paulo

do autor, 2018

I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry
I choose me, I'm sorry

figura 7 - letra da música *Mirror* de
Kendrick Lamar

do autor, 2024



figura 8 - trecho da HQ *Sandman*, de Neil
Gaiman

Panini Books, 2019

índice

p. 30

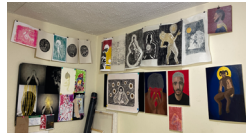


figura 9 - ateliê caseiro mantido entre 2020-2021

do autor, 2021

p. 32



figura 10 - cena de *Anéis do Poder*, série adaptada da obra de J.R.R. Tolkien em 2022
Amazon Studios, 2022



figura 11 - cena de *O Senhor do Anéis: A Sociedade do Anel* série adaptada da obra de J.R.R. Tolkien em 2001

Embracer Group, 2001

p. 33



figura 12 - *shibari nº 1*, guache e grafite sobre papel. Dimensões de 14,8 x 21,0 cm.

do autor, 2020

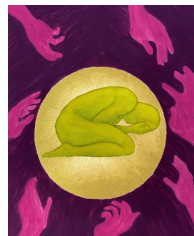


figura 13 - guache e aquarela sobre papel. Dimensões de 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 34



figura 14 - aquarela e guache sobre papel. Dimensões de 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 35



figura 15 - aquarela e guache sobre papel. Dimensões de 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 36

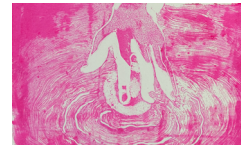


figura 16 - monotipia sobre papel. Dimensões de 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 37



figura 17 - monotipia sobre papel vegetal. Dimensões de 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 38



figura 18 - monotypia sobre papel.
Dimensões de 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 39



figura 19 - monotypia sobre papel.
Dimensões de 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 40



figura 20 - *anjo de luz - I*
xilografura em papel. Dimensões
29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 41



figura 21 - *anjo de luz - II*
xilografura em papel. Dimensões
29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 42



figura 22 - *anjo de luz - III*
xilografura em papel. Dimensões
29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 43

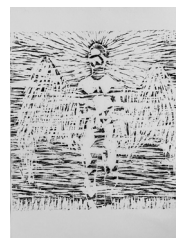


figura 23 - *anjo de luz - IV*
xilografura em papel. Dimensões
29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 44



figura 24 - xilografura em papel.
Dimensões 29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 45

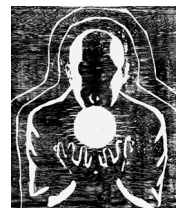


figura 25 - xilografura em papel.
Dimensões 29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 47

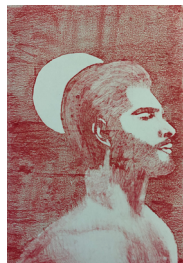


figura 26 - monotypia em papel. Dimensões 29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 49

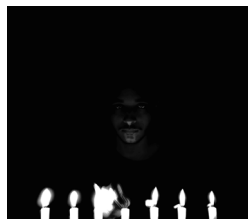


figura 27 - fotografia digital em papel canson. Dimensões 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 50



figura 28 - fotografia digital em papel canson. Dimensões 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 51



figura 29 - fotografia digital em papel canson. Dimensões 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 52

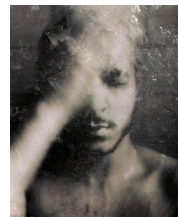


figura 30 - fotografia digital em papel canson. Dimensões 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 53

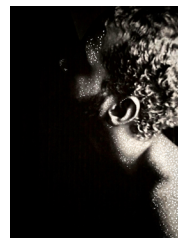


figura 31 - fotografia digital em papel canson. Dimensões 21,0 x 29,7 cm.

do autor, 2021

p. 54



figura 32 - xilografura em papel. Dimensões 29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 55



figura 33 - *fauno - II* xilografura em papel. Dimensões 29,7 x 42 cm.

do autor, 2021

p. 56



figura 34 - *homem cervo*
óleo sobre tela. Dimensões 40 x 50 cm

do autor, 2021

p. 57



figura 35 - *homem corvo*
óleo sobre tela. Dimensões 40 x 50 cm.

do autor, 2021

p. 58



figura 36 - *homem cobra*
óleo sobre tela. Dimensões 40 x 50 cm

do autor, 2021

p. 59



figura 37 - *homem canis*
óleo sobre tela. Dimensões 40 x 50 cm

do autor, 2021

p. 60



figura 38 - *metamorfose nº 1*
xilogravura em papel. Dimensões 42 x 59,4 cm

do autor, 2021

p. 61



figura 39 - *metamorfose nº 2*
xilogravura em papel. Dimensões 42 x 59,4 cm

do autor, 2021

p. 62

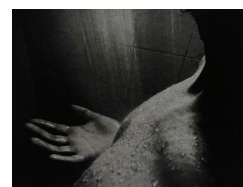


figura 40 - fotografia digital

do autor, 2022

p. 63



figura 41 - *homem crocodilo*
óleo sobre tela. Dimensões 40 x 50 cm

do autor, 2022

p. 67



figura 42 - série de pinturas
atando nós em exposição na
Funart SP. Dimensões 40 x 50 cm
(cada)

do autor, 2023

p. 68



figuras 43 a 48 - cenas da animação *ThunderCats* (2011)

Cartoon Network, 2011

p. 69



figuras 49 a 52 - cenas da animação *ThunderCats* (2011)

Cartoon Network, 2011

p. 70



figuras 53 a 55 - cenas da animação *ThunderCats* (2011)

Cartoon Network, 2011

p. 71



figuras 56 a 59 - cenas da animação *ThunderCats* (2011)

Cartoon Network, 2011

p. 74



figura 60 - trecho da obra de mangá *Saint Seiya: Lost Canvas Gaiden*

Editora JBC, 2022

p. 76



figura 61 - ilustração da contelação de peixes

do autor, 2024

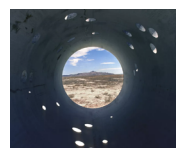


figura 62 - obra *Sun Tunnels* (1973-76) de Nancy Holt.

Holt/Smithson Foundation and Dia Art Foundation, 1973-76



figura 63 - *Étant donnés*

Marcel Duchamp, 1966

p. 77

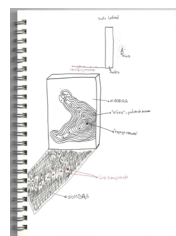


figura 64 - desenho de estudo para a obra *alrescha*

do autor, 2022

p. 78

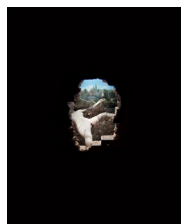
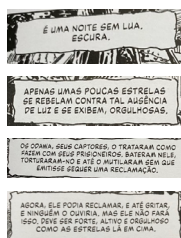


figura 65 - *Étant donnés*
Marcel Duchamp, 1966



figuras 66 a 69 - trechos da HQ
Crônicas Ameríndias de Gustavo
Schimpp e Enrique Alcatena
Comix Zone, 2021

p. 79



figura 70 - vista de *alrescha*.
Dimensões 36 x 20 x 5 cm
(aprox.)
do autor, 2022

p. 80



figura 71 - vista de *alrescha*.
Dimensões 36 x 20 x 5 cm
(aprox.)
do autor, 2022

p. 81



figura 72 - vista de *alrescha*.
Dimensões 36 x 20 x 5 cm
(aprox.)
do autor, 2022

p. 82



figura 73 - vista de *alrescha*.
Dimensões 36 x 20 x 5 cm
(aprox.)
do autor, 2022

p. 85



figura 74 - vista de *para quem
não se encontrou*. Dimensões 36 x
20 x 5 cm (aprox.)
do autor, 2023

p. 86



figura 75 - vista de *para quem
não se encontrou*. Dimensões 36 x
20 x 5 cm (aprox.)
do autor, 2023

p. 87



figura 76 - vista de *para quem não se encontrou*. Dimensões 36 x 20 x 5 cm (aprox.)

do autor, 2023

p. 88



figura 77 - vista de *para quem não se encontrou*. Dimensões 36 x 20 x 5 cm (aprox.)

do autor, 2023

p. 89



figura 78 - vista de *para quem não se encontrou*. Dimensões 36 x 20 x 5 cm (aprox.)

do autor, 2023

p. 93



figura 79 - ilustração do baralho de tarot Rider Waite Smith da carta *O Sol*,

do autor, 2024

p. 94



figura 80 - registro fotográfico da performance *bordando o sol*

do autor, 2022

p. 95



figura 81 - registro fotográfico da performance *bordando o sol*

do autor, 2022

p. 96



figura 82 - registro fotográfico da performance *bordando o sol*

do autor, 2022

p. 97



figura 83 - registro fotográfico da performance *bordando o sol*

do autor, 2022

p. 98



figura 84 - registro fotografico da performance *bordando o sol*

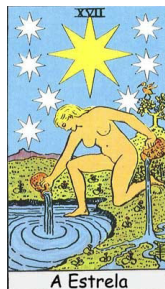
do autor, 2022

p. 101



figuras 85 e 86 - ilustrações do baralho de tarot Rider Waite Smith das cartas *A Torre* e *A Estrela*

do autor, 2024



p. 103



figura 87 - ilustração digital para carta de tarot *us amantes*

do autor, 2023

p. 104



figura 88 - ilustração digital para carta de tarot *a estrela*

do autor, 2023

p. 106 -107



figura 89 - ilustração digital para *zine tarot* (frente)

do autor, 2023

p. 108 -109

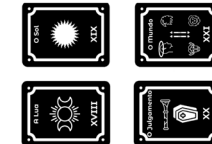


figura 90 - ilustração digital para *zine tarot* (verso)

do autor, 2023

p. 110



figura 91 - ilustração digital para carta de tarot *u louco*

do autor, 2023

p. 111



figura 92 - lambe em serigrafia da carta de tarot *u louco*

do autor, 2023

p. 112

Inevitavelmente você vai sofrer de novo
Quando quebrar a cara
E depois rir do próprio engano
Salvem-se todos perto do final
Aqui ou em um outro plano astral

figura 93 - letra da música *A vida é uma aventura* de Maglore

do autor, 2024

p. 115

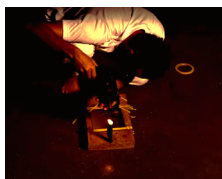


figura 94 - registro de vídeo performance.

do autor, 2022

p. 116



figura 95 - vista da instalação *Nanigo Burial*, 1976 de Ana Mendieta

do autor, 2022

p. 117



figuras 96 a 99 - ritual de shots alcolicos do autor com amigues

do autor, 2022 - 2024

p. 118

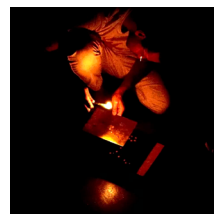
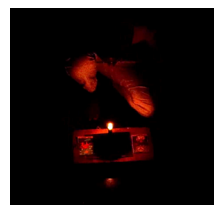


figura 100 - registro de vídeo performance.

do autor, 2022

p. 119

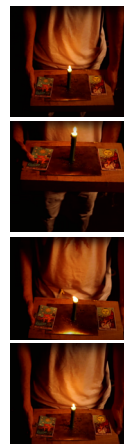


figuras 101 e 102 - registro de vídeo performance.

do autor, 2022



p. 120



figuras 103 a 106 - registro de vídeo performance.

do autor, 2022

p. 121



figura 107 - placa de latão utilizada em vídeo performance do autor

do autor, 2024

p. 122

There is a light and it never goes out
There is a light and it never goes out
There is a light and it never goes out
There is a light and it never goes out
There is a light and it never goes out
There is a light and it never goes out
There is a light and it never goes out
There is a light and it never goes out

figura 108 - letra da música *There is a light that never goes out* de The Smiths

do autor, 2024

p. 126

Todas voltas do planeta
E os mistérios ancestrais
Tantas possibilidades
Esperando no sofá
Um dia todo mundo vai mudar
Jogo as certezas no fogo e deixo
queimar

figura 109 - letra da música *Todo mundo vai mudar* de DINGO

do autor, 2024

p. 129



figura 110 - registro de vídeo performance

do autor, 2023

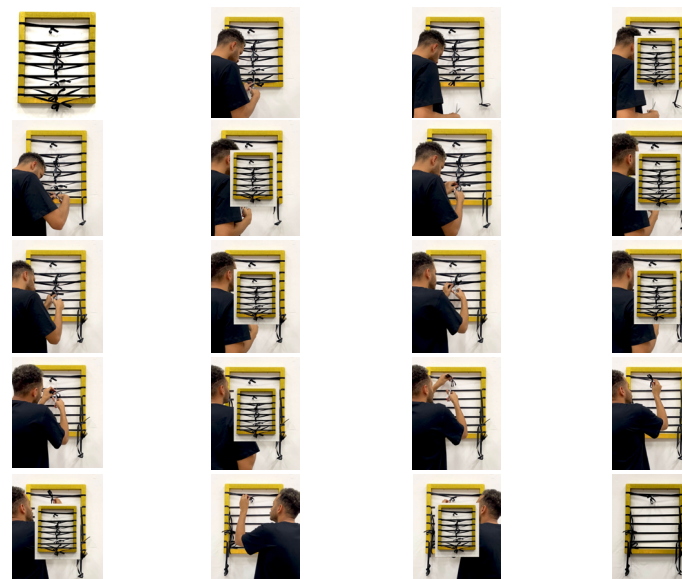
p. 131

E assim como o tempo, um motor ao relento
Sinto saudade, já não me recordo porquê
E assim como o tempo, o motor ao relento
Você disfarça a tristeza e sorrisos pra fingir viver

figura 111 - letra da música *Motor* de Maglore

do autor, 2024

p. 132 e 133



figuras 112 a 131 - registro de vídeo performance

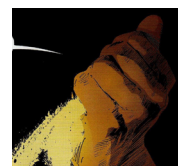
do autor, 2023

p. 134



figuras 132 e 133 - trecho da HQ *Sandman*, de Neil Gaiman

Panini Books, 2019



p. 139



figura 134 - pintura *sem título - Espiral cinza e feixes vermelhos* de Hilma af Klint, 1922

do autor, 2024

p. 140

A fita do bonfim tá pra partir já
A santo não se basta só pedir pra
Jah
A korte é um mantra diferente lá
Tudo passará
Vinte anos de escola espiritual
Todo plano que se quebra em
corpo é todo amor
Não se recebe, não se enverga em
cor de sol
Extrema fonte de vontade

As mandingas e os segredos de
alquimia
Pra curar amor ferido, até por
traição
Lavando a mente de toda tristeza
ah
Tudo passará
Quando a hora chegar, eu tenho
brilho
Quando o brilho apagar, eu sou
constelação
Não perco o timing, nem tudo é
dinheiro
Só sei ser inteiro, não sei ser pela
metade

figuras 136 e 137 - letra da música
Mantra de Maglore

do autor, 2024

p. 141

I wish I knew how
It would feel to be free
I wish I could break
All the chains holdin' me
I wish I could say
All the things that I should say
Say 'em loud, say 'em clear
For the whole round world to hear
I wish I could share
All the love that's in my heart
Remove all the bars
That keep us apart
I wish you could know
What it means to be me
Then you'd see and agree
That every man should be free
I wish I could give
All I'm longin' to give
I wish I could live
Like I'm longin' to live

I wish I could do
All the things that I can do
And though I'm way overdue
I'd be startin' anew
Well, I wish I could be
Like a bird in the sky
How sweet it would be
If I found I could fly
Oh, I'd soar to the sun
And look down at the sea
Then I'd sing 'cause I'd know, yeah
And I'd sing 'cause I'd know, yeah
And I'd sing 'cause I'd know
I'd know how it feels
I'd know how it feels to be free, yeah
yeah
I'd know how it feels
Yes, I'd know
I'd know how it feels, how it feels
To be free, no, no, no

figuras 138 e 139 - letra da música
*I Wish I Knew How It Would Feel to
Be Free* de Nina Simone

do autor, 2024

p. 143



figura 140 - pintura *Infinity stars* de Yayoi Kusama, 1995

do autor, 2024

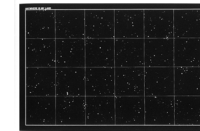


figura 140 - pintura *Anywhere is my
land* de Antonio Dias, 1968

do autor, 2024

p. 144

Talvez a verdade esteja ali
Nos beijos em aeroportos
Rezas de hospitais e coisa e tal
Tá na cor do café
Tá no gosto do pão
Em sonho, perda, choro, gozo,
morte, amor

figura 142 - letra da música *Café
Com Pão* de Maglore

do autor, 2024

p. 145

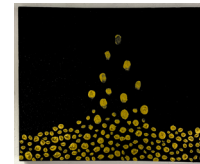


figura 143 - pintura *eu não estou
pronto*. Dimensões 50 x 40 x 2,5 cm

do autor, 2023

p. 146

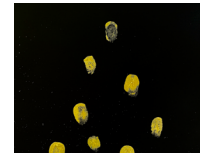


figura 144 - detalhe da pintura *eu não
estou pronto*

do autor, 2023

p. 147

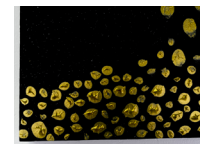


figura 145 - detalhe da pintura *eu não
estou pronto*

do autor, 2023

p. 149



figura 146 - capa da HQ *Sandman*, de Neil Gaiman

Panini Books, 2019

p. 150



figuras 147 a 150 - trechos da HQ *Sandman*, de Neil Gaiman

Panini Books, 2019

p. 151



figuras 151 e 152 - trechos da HQ *Sandman*, de Neil Gaiman

Panini Books, 2019

p. 153

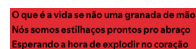


figura 153 - letra da música *A Vida é Uma Granada*, de DINGO

do autor, 2024

p. 155



figura 154 - *apostamos para o futuro*. Dimensões 40 x 50 x 3,5 cm

do autor, 2023

p. 157

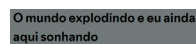


figura 155 - trecho da música *Ainda Aqui Sonhando*, de Leo Cavalcanti

do autor, 2024

p. 160



figura 156 - vista de *apontamos para o futuro*.

do autor, 2023

p. 161

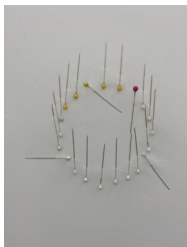


figura 157 - detalhe de *apontamos para o futuro*.

do autor, 2023

p. 164

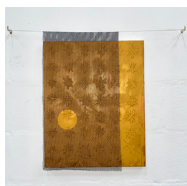


figura 158 - *para quem está perdido*.
Dimensões 40 x 50 cm (tela) 60 x 70 cm (montagem)

do autor, 2024

p. 165



figura 159 - detalhe de *para quem está perdido*.

do autor, 2024

p. 166



figura 160 - detalhe de *para quem está perdido*.

do autor, 2024

p. 170



figura 161 - pintura em tela.
Dimensões 40 x 50 cm

do autor, 2024

p. 173



figura 162 - pintura em tela.
Dimensões 30 x 40 cm

do autor, 2024

p. 174



figura 163 - pintura em tela.
Dimensões 40 x 50 cm (aprox)

do autor, 2024

p. 175



figura 164 - Detalhe de pintura em tela.

do autor, 2024

p. 176



figura 165 - pintura em tela.
Dimensões 30 x 40 cm (aprox)

do autor, 2024

p. 177



figura 166 - detalhe de pintura em tela.

do autor, 2024

p. 179



figuras 167 e 168 - trechos da HQ
Os Livros da Magia, de Neil Gaiman

Panini books, 2019



p. 181

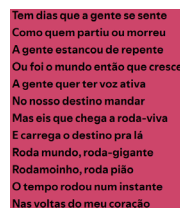


figura 169 - letra da música *Roda-Viva*, de Chico Buarque

do autor, 2024

p. 183

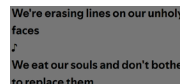


figura 170 - letra da música *Unholy Faces*, de Florist

do autor, 2024

p. 185

A rede do meu destino
Parece a de um pescador
Quando retorna vazia
Vem carregada de dor
Vivo num redemoinho
Deus bem sabe o que ele faz
A onda que me carrega
Ela mesma é quem me traz
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar

figura 171 - letra da música
Timoneiro, de Paulinho Da Viola

do autor, 2024

p. 190



figura 172 - lambe em serigrafia
do autor, 2024

p. 191



figura 173 - lambe em serigrafia
do autor, 2024

p. 192



figura 174 - lambe em serigrafia
do autor, 2024

p. 193



figura 175 - lambe em serigrafia
do autor, 2024

p. 194



figura 176 - lambe em serigrafia
do autor, 2024

p. 196

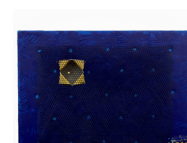


figura 177 - pintura em tela.
Dimensões 30 x 40 x 5 cm (aprox.)
do autor, 2024

p. 197

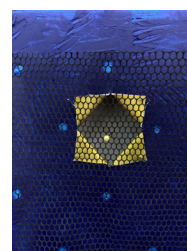


figura 178 - detalhe de pintura em tela.
do autor, 2024

p. 198

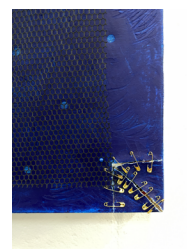


figura 179 - detalhe de pintura em tela.
do autor, 2024

p. 201



figura 180 - *when you awakke inside*. Dimensões 30 x 30 x 3,5 cm (aprox.)

do autor, 2024

p. 202



figura 181 - detalhe de *when you awakke inside*.

do autor, 2024

p. 203

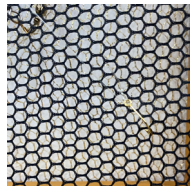


figura 182 - detalhe de *when you awakke inside*.

do autor, 2024

p. 204



figura 183 - detalhe de *when you awakke inside*.

do autor, 2024

p. 205

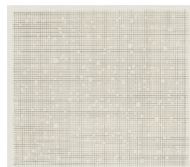


figura 184 - *The Stars* de Vija Celmins, 2005

do autor, 2024

p. 206

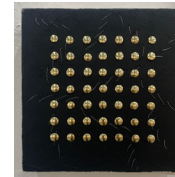


figura 185 - pintura em tela. Dimensões 30 x 30 x 5 cm (aprox.)

do autor, 2024

p. 207



figura 186 - vista de pintura em tela.

do autor, 2024

p. 208

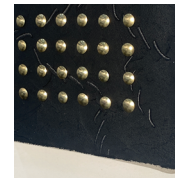


figura 187 - detalhe de pintura em tela.

do autor, 2024

p. 212

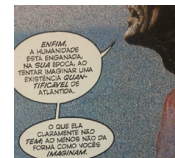


figura 188 - trecho da HQ *Os Livros da Magia*, de Neil Gaiman

Panini books, 2019

p. 213

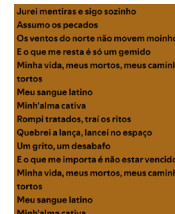


figura 189 - letra da música *Sangue latino*, de Secos & Molhados

do autor, 2024

p. 216

imagina a nossa terra
Reluzindo o que tem de mais profundo
imagina o nosso povo todo se
entendendo
Em coros, cantos, o que sorte
Jorge, eu já perdi meu tempo
Encarando o próprio espelho
Medindo amor, contando like
Ouvindo os outros, tendo frio e tendo
medo

figura 190 - letra da música *Mantra*,
de Rubel com participação de
Emicida

do autor, 2024

p. 218

Talvez o mundo não seja pequeno
Nem seja a vida um fato consumado
Quero inventar o meu próprio pecado
Quero morrer do meu próprio veneno

figura 191 - letra da música
Cálice, de Chico Buarque e Milton
Nascimento

do autor, 2024

p. 219

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Sorrir pra não chorar
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer, quero viver

figura 192 - letra da música *Preciso
Me Encontrar*, de Cartola

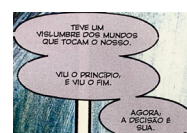
do autor, 2024

p. 220



figuras 193 e 194 - trecho da HQ *Os
Livros da Magia*, de Neil Gaiman

Panini books, 2019

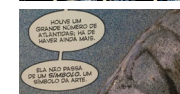


p. 221



figuras 195 a 199 - trecho da HQ *Os
Livros da Magia*, de Neil Gaiman

Panini books, 2019



p. 231



figura 200 - captura de tela com
mensagem de aprovação em
vestibular

do autor, 2024